

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

MARIANE JORDÃO VALPASSO

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA PRÁTICA
EDUCATIVA DOS EDUCADORES DO MATERNAL II DE UMA
ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY - ES**

SÃO MATEUS-ES

2021

MARIANE JORDÃO VALPASSO

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA PRÁTICA
EDUCATIVA DOS EDUCADORES DO MATERNAL II DE UMA
ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências, Tecnologia e Educação.

Área de concentração: Ciências, Tecnologia e Educação

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Katia Gonçalves Castor

SÃO MATEUS-ES

2021

1 Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

V211d

Valpasso, Mariane Jordão.

Desafios da educação ambiental crítica na prática educativa dos educadores do maternal II de uma escola no município de Presidente Kennedy - ES / Mariane Jordão Valpasso – São Mateus - ES, 2021.

110 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Kátia Gonçalves Castor.

1. Educação ambiental. 2. Desenvolvimento socioambiental. 3. Educação infantil. I. Castor, Kátia Gonçalves. II. Título.

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6^a Região – MG e ES.

MARIANE JORDÃO VALPASSO

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA
PRÁTICA EDUCATIVA DOS PROFESSORES DO MATERNAL II
DE UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY -
ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 27 de setembro de 2021.

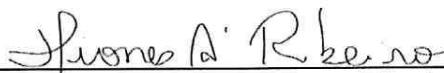
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Mariluz Sartori Deorce
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Diones Augusto Ribeiro
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

Dedico esta vitória ao Autor de Toda Criação, meu sustentáculo e minha fonte inspiradora, pois sem Ele, nada seria possível. Desta forma, a Ele a minha Gratidão.

AGRADECIMENTOS

Como forma de gratidão, enumero alguns atores que no decorrer de minha caminhada se fizeram presentes e imprescindíveis.

Ao meu pai, que dedicou e ainda dedica grande parte da sua vida torcendo pela minha felicidade incondicional, sempre me apoiando e auxiliando quando necessário.

Ao meu esposo, que com carinho, paciência e dedicação, sempre esteve ao meu lado, com palavras de incentivo, não me deixando desistir.

Às minhas filhas: Maria Luíza e Maysa, que por diversas vezes foram privadas do meu convívio, em razão das longas horas dedicadas ao estudo.

Agradeço, ainda, à minha orientadora, Dr^a Katia Gonçalves, que me conduziu brilhantemente, durante este processo de aprendizado.

E, por fim, e não menos importante, meus agradecimentos a todos os meus amigos que torceram por esta vitória.

A todos a minha mais sincera gratidão!

Tudo está ligado, como o sangue que une uma família. Todas as coisas estão ligadas. O que acontece à Terra recai sobre os filhos da Terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida. Ele é só um fio dentro dela. Tudo o que ele fizer à teia estará fazendo a si mesmo.

Chefe Seattle – 1856

RESUMO

VALPASSO, MARIANE JORDÃO. **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA PRÁTICA EDUCATIVA DOS EDUCADORES DO MATERNAL II DE UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY – ES.** 2021.110 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, 2021.

O presente estudo busca compreender os reais desafios enfrentados por educadores do Maternal II ao abordar a temática da Educação Ambiental crítica. Para tanto, fez-se necessário um melhor entendimento da matéria em tela, onde buscamos respaldo em uma vasta bibliografia que trata o assunto em questão, sobretudo autores como Freire (1970, 1996, 2009), Tristão (2005, 2009), Loureiro (2006,2019), entre outros. Ao entendermos a Educação Ambiental crítica como uma importante ferramenta na garantia de direitos fundamentais dos indivíduos, torna-se imprescindível que este tema seja amplamente debatido, por todos os cidadãos, e que garanta a estes, condições de optar pela construção de um ambiente sadio para si e para as futuras gerações. Neste sentido, a grande inquietação que movimenta o estudo é entender os principais desafios enfrentados por educadores do Maternal II, de um Centro Municipal de Educação Infantil do município de Presidente Kennedy - ES em suas práticas educativas ao abordar a temática Educação Ambiental. No sentido de atingirmos os objetivos propostos, de forma metodológica lançamos mão de algumas ferramentas importantes como o grupo focal e entrevista semiestruturada, que permitiram à pesquisadora dialogar com os professores e demais técnicos da escola investigada sobre as questões pertinentes ao tema, para favorecer a construção de uma narrativa que nos direcione a atingir os objetivos propostos.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Desenvolvimento Socioambiental. Educação Infantil.

ABSTRACT

VALPASSO, MARIANE JORDÃO. **CHALLENGES OF CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE EDUCATIONAL PRACTICE OF MATERNAL II TEACHERS OF A SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF PRESIDENT KENNEDY** – ES. 2021.110 f. Dissertation (Masters) - Faculdade Vale do Cricaré, 2021.

This study seeks to understand the real challenges faced by educators from maternal II when addressing the issue of critical environmental education, therefore, it was necessary to have a better understanding of the matter at hand. the subject in question, especially authors such as Freire (1970, 1996, 2009), Tristão (2005, 2009), Loureiro (2006,2019), among others. When we understand critical environmental education as an important tool in guaranteeing the fundamental rights of individuals, it is essential that this topic is widely debated by all citizens, and that it guarantees them the conditions to choose to build a healthy environment for themselves and for future generations. In this sense, the great concern that moves the study in question is to derstand the main challenges faced by educators from the kindergarten II of a Municipal Center for Early Childhood Education in the city of Presidente Kennedy - ES in their educational practices when addressing the theme of Environmental Education. In order to achieve the proposed objectives, methodologically we will make use of some important tools such as the focus group and semi-structured interview, which will allow the researcher to dialogue with the teachers and other technicians of the investigated school about the issues relevant to the theme, to favor the construction of a narrative in which it directs us to achieve the proposed objectives.

Keywords: Environmental Education. Social and Environmental Development. Child education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OBJETIVOS	12
1.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA PENSAR O TEMA DA PESQUISA.....	20
3.1.1 A dialogicidade em Paulo Freire	21
3.2 UMA BREVE INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	23
3.2.1 Perspectivas e Correntes da Educação Ambiental	25
3.2.2 A Educação Ambiental Crítica	31
3.2.3 Práticas Socioambientais Na e Com a Escola	32
3.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: UM DIÁLOGO ENTRE TRISTÃO, LOUREIRO, BARTH E GUIMARÃES.....	34
4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ESTUDOS	37
4.1 VISÃO GERAL DA PESQUISA.....	38
4.2 DETALHAMENTO DAS ETAPAS.....	39
4.3 SUJEITO E LÓCUS DA PESQUISA.....	39
4.3.1 Sujeito da Pesquisa	39
4.3.2 Lócus da Pesquisa	40
4.3.4 Instrumento de Coleta de Dados	40
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
5.1 GRUPO FOCAL.....	41
5.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	50
6 PRODUTO FINAL	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
8 REFERÊNCIAS	56
9 APÊNDICES	61

INTRODUÇÃO

Quando cursava o Ensino Fundamental, fui desafiada por uma professora a ler um livro o qual me provocou grandes inquietações, a obra-prima de Antoine de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe. Após a leitura, passei dias imaginando como seria viver em um pequeno planeta isolado e com recursos limitados, sendo a única pessoa responsável por ele. Estas imagens me assombraram por muito tempo, sobretudo, quando fazia a ligação do Asteroide B 612 com o Planeta Terra, onde, em uma escala maior, também possui os recursos limitados e, pior, os próprios habitantes, desprovidos de uma consciência de cuidado e proteção para com o Planeta, em nome do “progresso” e do “lucro acima de tudo”, dia a dia vem degradando a sua casa.

Com o passar do tempo, aquelas imagens e reflexões foram ficando distantes e com os desafios da vida adulta, outras prioridades foram aparecendo, até que me tornei mãe, e então as preocupações com o futuro da minha filha despertaram, em mim, os mesmos sentimentos de preocupação com o planeta que, outrora, havia me incomodado tanto, pois agora o questionamento que me fazia era sobre qual a herança ambiental que deixaria para minha filha e seus futuros filhos? No entanto, me percebia apenas como uma mera dona de casa que não teria como contribuir para a preservação do Planeta, foi então que descobri a coleta seletiva e o seu potencial no processo de preservação ambiental. Eu era uma das poucas pessoas que realizava a segregação dos resíduos sólidos domésticos em minha cidade, mas acreditava que aquela ação, embora tímida, poderia fazer alguma diferença, sobretudo ao ensinar para minha filha, através do exemplo, que podemos e devemos fazer alguma coisa pelo Planeta.

Posteriormente a esse caminho, no ano de 2019, tive a oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia na Universidade Paulista através da modalidade Ead, nesta ocasião pude aprofundar ainda mais sobre as questões relevantes à Educação Ambiental e como poderia contribuir ainda mais com a preservação ambiental.

Quatro anos após minha graduação, concluí uma especialização em educação infantil séries iniciais, que me capacitou a trabalhar com a educação infantil, onde me foi oportunizado desenvolver, mesmo que de forma tímida, alguns projetos de Educação Ambiental. Atualmente, como educadora em um Centro

Municipal de Educação Infantil (CEMEI) no município do Presidente Kennedy – ES, atuando diretamente com crianças do Maternal II, tenho a possibilidade de despertar os preceitos de preservação, cuidado e respeito pelo Planeta, não apenas nas crianças, como também em minhas colegas de trabalho.

Neste sentido, no momento em que me foi concedido o privilégio de ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, de imediato vislumbrei a oportunidade de trazer em pauta assuntos relevantes sobre a coleta seletiva e a prática educativa, neste contexto, promover o debate sobre uma Educação Ambiental Crítica frente aos desafios da implantação da coleta seletiva torna-se uma questão que possibilita desafiar outros educadores a inserir, em sua prática educativa, esta temática tão importante para a manutenção da vida no Planeta.

Percebendo a Educação Ambiental como uma importante ferramenta na garantia de direitos fundamentais dos indivíduos, conforme nos mostra a Política Nacional de Educação Ambiental em seu artigo primeiro.

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Lei nº 9795/1999, Art. 1º).

Mostra-se imprescindível que este tema seja amplamente debatido, por todos os cidadãos, garantindo a todos condições de optar pela construção de um ambiente sadio para si e para as futuras gerações. Dada a sua importância, acreditamos que as escolas devem ser os espaços de construção de conceitos e discussões sobre temas ambientais, no sentido de garantir que possamos ter condições de gerir o planeta de forma menos predatória do que vem acontecendo atualmente.

Ao compreender a Educação Infantil como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, p. 34) “como primeira etapa da educação básica, a educação infantil é o início e o fundamento do processo educacional” e possui um papel de grande relevância, tendo em vista que é neste período da formação da criança em que se inicia a construção de processos cognitivos importantes que servirão como base para toda a sua vida.

Contudo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de certa forma negligencia a Educação Ambiental, tendo em vista a forma tímida na qual se posiciona, conforme nos aponta Miranda e Menezes (2021)

A falta da abordagem da EA na nova BNCC documento que orienta os currículos pedagógicos das escolas não desperta expectativas de avanços significativos que proporcionem uma educação mais efetiva. A ausência desta área de conhecimento é contraditória, tendo em vista que, a dinâmica social contemporânea nacional e internacional está marcada, entre outros fatores, por rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico gerando desequilíbrio no sistema de reprodução e desenvolvimento dos seres vivos e, portanto, no meio ambiente (MIRANDA e MENEZES, 2021, p. 73).

Neste sentido, é necessário lançar mão de outros arcabouços legais como forma de fundamentar a importância da Educação Ambiental no processo de formação dos alunos. Neste contexto, a Política Nacional de Educação Ambiental, assegura esse aporte legal, sobretudo ao apresentar, em seu artigo 1º, a Educação Ambiental como processo de construção de valores com foco no cuidado com o planeta em detrimento do próximo.

Neste espectro, evidencia-se a complexidade de se trabalhar A Educação Ambiental com alunos de Educação Infantil, em específico ao abordar o tema com crianças bem pequenas com idade de 4 meses a 3 anos, que correspondem as turmas de maternal.

Os sujeitos desta pesquisa são professores, pedagogos, coordenadores e diretor que atuam nas turmas do maternal II¹, nas quais as crianças, embora bem pequenas, são capazes de assimilar conceitos básicos de educação ambiental². Neste sentido, é possível conjecturar que os educadores do Maternal, vêm encontrando dificuldades técnicas na condução de suas práticas pedagógicas, pois é um desafio muito grande desenvolver tal tema com alunos que se encontram em faixa etária tão pequena.

Nesta lógica, surge um problema/pergunta, na qual pretendemos elucidar mais adiante: quais os desafios que os professores do maternal II do CEMEI “MENINO JESUS” enfrentam em suas práticas educativas ao abordar a temática da Educação Ambiental? Neste sentido elaboramos os seguintes Objetivo geral e específicos.

¹ Segundo informações obtidas pela Secretaria Municipal de Educação de Presidente Kennedy-ES, o Maternal II atende a crianças de 2 a 3 anos de idade.

² Entende-se aqui como conceito básico de Educação Ambiental, dentre outros, o cuidado com o planeta, o respeito por todas as formas de vida, a importância dos espaços comuns etc.

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Problematizar junto aos professores as práticas de Educação Ambiental destinadas a alunos do Maternal II, do Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”, no município do Presidente Kennedy/ES.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar como e se os professores abordam, em suas práticas pedagógicas, o tema Educação Ambiental;
- Verificar se as práticas pedagógicas abordadas pelos educadores do Maternal II possuem foco na Educação Ambiental Crítica;
- Estimular a criação de uma rede de conversações com os professores para a troca de experiências de suas práticas educativas voltadas para a temática da Educação Ambiental Crítica;
- Problematizar junto com os professores da escola a importância da EA crítica a partir de Paulo Freire e outros teóricos que tratam da EA;
- Elaborar um E-book em formato de Guia didático com propostas focadas na Educação Ambiental Crítica, para ser trabalhado nos centros municipais de educação infantil do município de Presidente Kennedy-ES.

1.2 JUSTIFICATIVA

Após a Revolução Industrial, há de se considerar que, a passos largos, a humanidade está a cada dia evoluindo, todavia, esse fenômeno deve ser encarado racionalmente pelos indivíduos com o mínimo conhecimento básico sobre o meio ambiente como um todo e os problemas, a ele relacionados, em especial quanto às influências do homem e de suas principais atividades.

Apesar de ser clara a legislação brasileira quanto à interposição da Educação Ambiental como um componente essencial e permanente na Educação Nacional, ainda não conseguimos atingir todos os níveis e modalidades do processo educativo

como se merece, sobretudo na mudança de conceitos e quebra de paradigmas essenciais para que os alunos possam despertar o sentimento de pertencimento em relação ao planeta e, desta forma, se reconhecer parte integrante de todo ecossistema que os cercam.

Nesse contexto, vamos propor métodos e formas para que os objetivos da Educação Ambiental Crítica sejam alcançados mais efetivamente no Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”, no município de Presidente Kennedy-ES.

Acreditamos ser importante que os pressupostos da educação ambiental crítica sejam trabalhados em todas as fases da educação, desde as creches até a formação universitária e no decorrer de toda a vida. Sendo, a Educação Infantil, o primeiro estágio da vida escolar da criança, a introdução do tema a este público tende a ser mais desafiador, pois requer dos educadores maior dinamismo e comprometimento.

Diante do exposto, a presente pesquisa se fundamenta na real possibilidade de fornecer aos docentes da Educação Infantil, em específico do Maternal II, ferramentas importantes para trabalhar, em sala de aula, a Educação Ambiental Crítica, de forma lúdica e que promova transformações sociais e ambientais, não apenas nos alunos, mas também em toda a comunidade escolar.

Para a compreensão do nosso objeto de estudo, nos fundamentamos na perspectiva da Educação Ambiental Crítica, com base nas contribuições de Tristão (2005, 2009 e 2016), Loureiro (2006 e 2019), Guimarães (2004) , e outros estudiosos da temática que discutem a aplicabilidade da Educação Ambiental Crítica no contexto escolar de forma a favorecer as transformações socioambientais tão necessárias para a nossa coexistência no Planeta.

Esta dissertação encontra-se estruturada em 07 capítulos. No capítulo 1, apresentamos a introdução, na qual traz uma breve narrativa dos motivos os quais desafiaram a pesquisadora, mesmo atuando na Educação Infantil, lançar mão da Educação Ambiental Crítica como ferramenta de ensino aprendizagem. Nele, ainda se consideram os pressupostos e objetivos, os quais alicerçarão a pesquisa em questão.

No capítulo 2, traremos de um levantamento de pesquisas recentes mais relevantes, cujos principais descritores relacionados foram a Educação Ambiental

Crítica e a Educação Infantil, neste sentido foi elencado um total de 6 trabalhos entre teses e dissertações, os quais comungam com os preceitos da presente pesquisa.

No capítulo 3, os pressupostos teóricos assumidos na proposta de trabalho ancoram-se nos estudos de autores como: Freire (1987 – 2009), Tristão (2005 – 2009), Loureiro (2006 – 2019), Guimarães (2000 – 2004), Barchi (2009 – 2020) e Brandão (2003), os quais apresentam a Educação Ambiental Crítica como movimento socioambiental importante e necessário, tendo a escola como uma importante ferramenta que auxilia na disseminação dos preceitos ora apresentados.

No capítulo 4, apresentamos o processo metodológico o qual se ancorou a pesquisa, neste contexto, apresentamos, além do percurso metodológico que pretendemos trilhar, como também o sujeito e o lócus da pesquisa

Já no capítulo 5, discutimos todos os resultados obtidos com a coleta de dados na instituição de ensino, através de questionário e a técnica do Grupo Focal (GF) onde iremos trabalhar com as narrativas, tanto dos professores como do diretor, pedagogos e coordenadores sobre suas impressões a respeito da Educação Ambiental Crítica e sua aplicabilidade na unidade educacional investigada.

A coleta de dados, por intermédio de grupo focal (GF), tem como uma de suas maiores riquezas a formação de opinião e atitudes durante a interação com os indivíduos. Essas interações possibilitam a captação de significados (GATTI, 2005). A pesquisadora busca analisar o contexto de estudo, articulando as respostas dos sujeitos nos grupos focais e nos questionários, à luz do referencial teórico.

O capítulo 6 traz uma abordagem sobre o produto final, fruto da investigação, que compreende um E-book com formato digitalizado destinado a educadores que desejam conhecer um pouco mais a Educação Ambiental Crítica, bem como sugerir a formação de uma rede municipal de educadores para discutir o tema e trocar experiências didáticas pertinentes ao assunto pesquisado.

Finalmente, o capítulo 7 é destinado à conclusão da investigação, respondendo ao problema de pesquisa inicialmente elencado.

2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA

Ao abordarmos a temática Educação Ambiental Crítica³ vinculada à educação infantil, procuramos fazer um breve levantamento das produções acadêmicas na qual comunguem com os preceitos deste trabalho.

Neste enfoque, a presente pesquisa privilegiou descritores que proporcionem uma melhor compreensão do tema e, conseqüentemente, melhor atingem os objetivos ora listados, desta forma, os principais descritores são a Educação Ambiental Crítica e Educação infantil.

Foi realizada uma busca no catálogo de teses e dissertações na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos períodos compreendidos entre 2010 a 2020, por dissertações e teses, os quais se referiam aos descritores mencionados, onde encontramos os seguintes números:

Quadro 1 – O quantitativo geral encontrado na CAPES nos períodos entre 2010 a 2020, de acordo com o descritor

Descritores	CAPES (Banco eletrônico) Registros de Mestrado	CAPES (Banco eletrônico) Registros de Doutorado	TOTAL
Educação Ambiental Crítica	210	56	266
Educação Infantil	2 834	748	3 582

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Após este levantamento, procuramos filtrar os trabalhos realizados, buscando elementos que pudessem contribuir com os diálogos apresentados nesta pesquisa, nesse sentido, foi possível elencar seis trabalhos que de alguma forma, oferecem contribuições significativas para a construção do referencial teórico.

³ Assumimos, nesta pesquisa, a educação ambiental na perspectiva crítica. Assim, ao longo de todo trabalho quando não houver especificação da vertente, subentende-se o termo.

Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para a pesquisa bibliográfica

TÍTULO	AUTOR	CATEGORIA	ANO DE PUBLICAÇÃO	ORIGEM
Cidadania Emancipatória E Educação Ambiental: Uma Intervenção A Partir Da Pedagogia Histórico Crítica	Adriano De Souza Viana	Dissertação	2017	Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Espírito Santo
Por Uma Educação Ambiental Crítica	Rana Paz Lacerda Vieira	Dissertação	2015	Programa De Pós-graduação Em Geografia, Mestrado Em Geografia, Do Instituto De Geociências Da Universidade Federal De Minas Gerais,
Saberes Ambientais: Pontes De Convergência Que Enagem No Espaço De Convivência Da Formação De Educadores	Robledo Lima Gil	Tese	2012	Programa De Pós-Graduação Em Educação Ambiental, Pró-reitora De Pesquisa E Pós-Graduação, Universidade Federal Do Rio Grande - Furg
Educação Ambiental Crítica: Em Busca De Um Marco Conceitual Para A Constituição Da Sustentabilidade Nas Escolas Do Município De Porto Velho	Paulo Cesar Gastaldo Claro	Tese	2019	Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Regional E Meio Ambiente, Área De Concentração Em Desenvolvimento Sustentável E Diagnóstico Ambiental,
Crianças Em Cena: Subjetividade, Infância E Educação Infantil	Lucilene Schunck Costa Pisaneschi	Tese	2019	Programa De Pós-Graduação Da Universidade Nove De Julho (Uninove)
Espaços Educacionais Sustentáveis Como Alternativa Para A Educação Ambiental: Estudo Em Um Centro De Educação Infantil, Ocara, Ceará	Ana Celia Lopes Cavalcante	Dissertação	2018	Programa De Pós-graduação Em Socio biodiversidade E Tecnologias Sustentáveis (Masts), Da Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A dissertação do autor Adriano de Souza Viana, intitulada: Cidadania Emancipatória e Educação Ambiental: uma intervenção a partir da Pedagogia Histórico Crítica, traz elementos que nos levam a perceber como a conscientização a partir da educação ambiental pode auxiliar na formação da cidadania, neste sentido,

traz colaborações importantes em relação ao processo educativo dialético, através da pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani.

Nesse contexto, a aproximação dos trabalhos acontece na medida que é proposta uma prática educativa libertária, transformações socioambientais significativas, na vida das crianças e, conseqüentemente, na sociedade, conforme o autor recomenda: “É preciso que se invistam todos os esforços na promoção de ações educativas que mobilizem novas gerações de ativistas e militantes em defesa da vida no planeta” (VIANA, 2017, p.71).

Outra contribuição importante, que também se aproxima com a pesquisa, é a dissertação de Renata Paz Lacerda Vieira, intitulada: Por uma Educação Ambiental Crítica, na qual tem como principal objetivo, construir uma leitura crítica da educação ambiental a partir do ponto de vista da ciência moderna. Assim, essa proximidade acontece na medida em que se faz uma ligação entre a educação ambiental crítica com o campo pedagógico, conforme nos aponta: “O campo da educação ambiental crítica está associado às pedagogias críticas e emancipatórias, geralmente em interface com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma científico para a construção de uma nova sociedade” (VIEIRA, 2015, p.59).

Gil (2012), em sua tese intitulada Saberes Ambientais: Pontes De Convergência que enagem no espaço de convivência da formação de educadores, traz como objetivo central “Analisar como os educadores entendem a educação ambiental a partir de suas trajetórias de vida e acadêmica construída ao longo das atividades pedagógicas propostas nos espaços de convivência do curso de ciências biológicas (...)”.

Desta forma, a importância de perceber o entendimento dos educadores sobre educação ambiental, no sentido de garantir que os mesmos tenham a possibilidade de, a partir de reflexões, promover a quebra de paradigmas importantes que historicamente vêm impedindo uma percepção do meio ambiente de forma crítica e emancipatória, constata-se a proximidade dos trabalhos.

A tese intitulada “Educação Ambiental Crítica: em busca de um marco conceitual para a constituição da sustentabilidade nas escolas do município de Porto Velho”, de autoria de Paulo Cesar Gastaldo Claro, segundo o autor:

[...] traduz um esforço cuidadoso que discute a questão ambiental no universo escolar, propondo caminhos para a construção de uma Educação Ambiental que transgride as posturas comportamentalistas, geralmente

caracterizadas por práticas que almejam somente a mudança de comportamentos no que se refere à problemática ambiental. (CLARO, 2019, p.19)

Nesse sentido, evidencia-se a proximidade dos trabalhos, tendo em vista que o que nos propomos é apresentar uma educação ambiental crítica, emancipatória que promova transformações positivas sob todos os aspectos.

A tese “Crianças em cena: subjetividade e educação infantil”, de autoria de Lucilene Schunck Costa Pisaneschi, busca perceber “como as relações socioculturais tecidas no seio da escola de educação de crianças interferem na construção dessa subjetividade?” neste sentido, os trabalhos se aproximam a medida em que pretendemos, dentre os objetivos, sensibilizar as crianças do centro municipal especializado de educação infantil quanto à coleta seletiva, e para atingir a este objetivo, faz-se necessária a promoção de mudanças significativas de atitudes, agindo diretamente na sua subjetividade.

A partir das indagações constantes na dissertação “Espaços Educacionais Sustentáveis como alternativa para a Educação Ambiental: estudo em um Centro de Educação Infantil, Ocara, Ceará” de autoria de Ana Célia Lopes Cavalcante, conforme segue: “quais têm sido as ações didático-pedagógicas desenvolvidas nas escolas a partir da educação infantil visando às práticas e à práxis para a convivência saudável com a natureza em sentido geral e local?” percebemos que este questionamento se converge para ambos os trabalhos, resguardadas as especificidades, tendo em vista a importância de, primeiramente, conhecer a realidade da instituição de ensino, bem como as práticas docentes, para então construir conceitos e proposições que vislumbrem uma mudança positiva no cenário da escola.

Os trabalhos se aproximam de forma quase que integral, sobretudo no momento em que a dissertação mencionada traz como conclusão o que segue:

A partir deste estudo, concluiu-se que a alfabetização ecológica, responsável pela formação de conceitos no sentido de preservar o meio ambiente, que é um dos objetivos primeiros da EA, deve começar na EI, que é considerada a fase onde melhor se dá a compreensão de fenômenos ecológicos e a formação de atitudes e posturas, ou seja, quando se cria a consciência ecológica junto à formação da personalidade, melhoram-se as possibilidades de formar seres humanos mais conscientes com a preservação da natureza, que busquem hábitos e atitudes sustentáveis (ANDRAE. 2013, p.79).

Após análise dos trabalhos apresentados, percebemos que todos eles apresentam pontos que convergem com os preceitos da pesquisa que se pretende realizar, primeiramente, buscamos conceituar os elementos da educação infantil, bem como os processos de aprendizagem nesta faixa etária específica da criança. Posteriormente, pretendemos caracterizar a educação ambiental crítica na qual pretendemos nos sustentar para promover mudanças significativas no cotidiano da escola.

Desta feita, nos pautaremos pela realização de uma pesquisa qualitativa exploratória, na qual buscaremos, a partir de elementos teóricos e entrevistas, atingir os objetivos propostos e responder às questões outrora levantadas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao considerar o Artigo 225 da Constituição Federal, no qual nos garante que todos temos direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, transmitindo a responsabilidade de cuidado e proteção não apenas ao poder público, mas também à toda a coletividade, evidencia-se a necessidade de uma educação ambiental efetiva, sobretudo direcionada às escolas, onde possibilite a quebra de paradigmas através de uma visão crítica dialógica que possibilite mudanças sociais e ambientais significativas, sobretudo no cotidiano dos grupos menos favorecidos.

Nesse contexto, acreditamos que dentre as tendências modernas de educação ambiental, a crítica, na qual comunga com os preceitos Freireanos de promoção da autonomia e do empoderamento dos menos favorecidos, a partir da organização e das lutas populares, mais se aproxima das premissas desta pesquisa, tendo em vista os objetivos e as questões problemas outrora elencados.

3.1 CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA PENSAR O TEMA DA PESQUISA

A Educação Ambiental Crítica tende a possibilitar a quebra de paradigmas e mudanças de comportamento, onde uma cultura predatória dá lugar a um novo olhar e pensar sobre o planeta, de forma a nos comprometermos não apenas com o aqui e o agora, mas pensando de forma sustentável no futuro do planeta, bem como as relações que estabelecemos com ele.

Atendendo desta forma o clamor da Carta da Terra, que embora tenha sido escrita em 1992, ainda permanece atual e necessária

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (CARTA DA TERRA, 1992).

Evidencia-se, portanto, um novo olhar sobre o meio ambiente e, com ele, a necessidade de integrar o discurso com a prática, conforme nos ensina Freire (1970)

em sua obra 'Pedagogia do Oprimido', o educador deve buscar formas de avaliar-se enquanto sujeito ambiental, pois a melhor forma de educar e promover as necessárias transformações socioambientais, é combinando o discurso com a prática, e que esta seja de fato transformadora e motivadora.

Neste contexto, a Educação Ambiental Crítica, encontra em Freire um importante aliado, sobretudo ao perceber a educação como agente transformadora e libertadora, onde o educador e o educando aprendem de forma simbiótica, através de vivências experimentadas ao longo do processo, conforme Freire (1987, p.31) afirma, "Educador e educandos co-intencionados à realidade, se encontram numa esfera em que ambos são sujeitos no ato, não só de se desvela-la e, assim, criticamente conhecê-la, mais também no de re-criar este conhecimento"

Freire (1996), ainda, ao apontar a importância de nos percebermos como seres históricos, estando no mundo e ao mesmo tempo com o mundo, nos comprometendo uns com os outros e com o planeta, desta forma, nos fornece pistas concretas para promover transformações sociais significativas, a partir de um novo olhar pedagógico, com base em uma "prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos" (FREIRE, 1996, p 74),

3.1.1 A Dialogicidade em Paulo Freire

A dialogicidade freireana tem sua fundamentação primária no encontro com o outro e com o universo à sua volta, possibilitando as múltiplas interações com o meio e uma troca de saberes que tem em sua essência a promoção da liberdade.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos". É o "pensamos" que estabelece o "penso" e não o contrário (FREIRE, 2001, p. 66).

Nesta lógica, Freire propõe a necessidade de sair do lugar-comum, de fazer ser ouvido, sobretudo através das organizações populares legitimadas, pelo seu caráter democrático, "ser de relações e não só de contatos, não apenas estar no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, o que o faz ser o ente de relações que é" (FREIRE, 2009, p. 47).

Desta forma, é possível ao professor, assumir um importante papel nas transformações sociais, sobretudo na garantia de uma educação que possibilite despertar o senso crítico, incentivando os questionamentos e construindo a autonomia dos que compartilham a sala de aula, conforme aponta:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa, temos que estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer 'bancária' ou de pregar no deserto (FREIRE, 1987, p. 49).

A dialogicidade de Paulo Freire, portanto, deve, sobretudo, levar a uma ação reflexiva, na qual percebe os homens como iguais e, portanto, com os mesmos direitos, que devem coexistir de forma harmoniosa e cooperativa.

Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronuncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontros, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 1987, p. 35).

O processo de libertação dos oprimidos só é possível se iniciado pelo diálogo, franco, aberto e que desperte a paixão pela liberdade, no entanto, este diálogo tem que iniciar em um pensar crítico e conduzir a um agir libertador, caso contrário, estará condenado a uma simples falácia sem efetiva serventia, senão contribuir com a manutenção de um sistema cada vez mais opressor.

3.2 UMA BREVE INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Inicialmente, é importante considerar que nos aponta uma publicação do Ministério do Meio Ambiente do ano de 2004 no qual afirma que:

Educação Ambiental é o nome que historicamente se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental. Assim, "Educação Ambiental" designa uma qualidade especial que define uma classe de características que juntas, permitem o reconhecimento de sua identidade, diante de uma Educação que antes não era ambiental (MMA, 2004, p 7).

De acordo com Ramos (2001), a educação ambiental surge na segunda metade do século XX, período de expansão industrial, como uma estratégia da

sociedade, no sentido de resolver problemas ambientais nos quais eram vistos como uma possível ameaça ao planeta. Segundo Botelho (1998), o termo educação ambiental surgiu no ano de 1965, na Inglaterra, em uma conferência de educação promovida pela Universidade de Keele.

No entanto, só a partir da década de 1970 que a educação ambiental ganha interesses nas agendas governamentais e da iniciativa privada, sendo assim, surgem inúmeras conferências, congressos, tratados e documentos que têm como principal perspectiva a conscientização das pessoas para as questões voltadas aos limitados recursos do planeta e a importância da conservação do mesmo para as futuras gerações.

Em 1976, em Chosica, no Peru, a conferência sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária, assim a definiu:

A educação ambiental é a ação educativa permanente pela qual a comunidade educativa tem a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados de ditas relações e suas causas profundas. Ela desenvolve, mediante uma prática que vincula o educando com a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido a transformação superadora dessa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as habilidades e atitudes necessárias para dita transformação (CONFERÊNCIA SUB-REGIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA, 1976).

Nesta concepção, a educação ambiental estava direta e unicamente vinculada com a educação escolar

Em 1977, a Conferência intergovernamental de Tbilisi, na Geórgia, traz uma nova concepção da Educação Ambiental, na qual busca complementar os preceitos de Chosica,

A educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhora da qualidade de vida (CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE TBILISI, 1977.)

Conforme percebemos, anteriormente a educação ambiental era percebida como uma ação educativa, no entanto, agora se configura como um processo no

qual se propõe modificar as ações do homem em razão de uma efetiva melhora na qualidade ambiental.

Em 1992, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Eco-Rio 92, em que trouxe uma nova abordagem da educação ambiental, conforme o trecho do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, produzido pela sociedade civil durante o evento em questão:

Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relações de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário (FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO 2009, p. 1).

Uma questão que nos chama bastante atenção é a proximidade desta concepção proposta na Rio 92, com a Política Nacional de Educação Ambiental, sobretudo no momento em que aponta a educação ambiental como um processo de reconhecimento individual e coletivo da construção de um ambiente saudável para todos. Neste contexto, a Lei nº 9.795/99 em seu Artigo 2º disciplina que a educação ambiental tem que ser percebida como um “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”

Nesta lógica, ao longo dos anos, a educação ambiental, foi percebida e direcionada a partir de algumas perspectivas, conforme listadas a seguir:

3.2.1 Perspectivas e Correntes da Educação Ambiental

A pluralidade de concepções, acerca da educação ambiental, vai muito além das concepções dispostas nos tratados ou documentos oficiais, vários teóricos buscam trazer alguma contribuição acerca de sua concepção, em conformidade com suas percepções, conforme nos mostra Alencastro e Lima (2015).

[...] o conhecimento e a compreensão das diversas perspectivas conceituais presentes no debate ambiental, permitem que os educadores tenham condições para reelaborar as informações que recebem, decodificando-as e assumindo a condição de trabalhar as questões ambientais em suas

múltiplas determinações e interseções, o que retira do campo biológico o monopólio sobre a educação ambiental (ALENCASTO e LIMA, 2015, p 31).

Nesta ótica, a educação ambiental, ganha maior notoriedade a medida em que se percebe a sua formação a partir de várias correntes teóricas que, embora distintas, convergem para uma mesma ótica que é a preocupação com as futuras gerações. Luciene Sauv , dentro das correntes da educa o ambiental, traz uma importante contribui o:

A no o de corrente se refere aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa o ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposi es. Por outro lado, uma mesma proposi o pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual   analisada (SAUVÉ, 2005, p 17).

Deste modo, a autora, supracitada, elencou quinze correntes distintas, divididas em dois blocos, sendo as correntes mais antigas compondo um bloco, e as mais contemporâneas compondo o outro bloco. Para melhor compreensão, vamos relacionar cada uma delas seguindo a segregac o proposta pela autora.

As correntes as quais, segundo a autora, possuem uma longa tradi o em educa o ambiental são as seguintes:

- Corrente naturalista – O ponto central desta corrente são as rela es estabelecidas com a natureza, onde a educa o ambiental   percebida e desenvolvida com, na e pela natureza, assim, “as proposi es da corrente naturalista com frequência reconhecem o valor intrínseco da natureza, acima e além dos recursos que ela proporciona e do saber que se possa obter dela” (SAUVÉ, 2005, p 19).
- Corrente conservacionista – está centrada basicamente na conserva o dos recursos naturais, uma preocupa o crescente e urgente de perceber o meio ambiente como um bem finito que necessita de constante “manuten o”. A educa o ambiental, dentro desta corrente, pode ser percebida através, por exemplo, da regra dos 5 Rs, que ganhou visibilidade através de B a Johnson, no momento em que se propõe a minimizar os impactos provocados pelos resíduos sólidos domésticos, através de 5 a es práticas: reciclar, reutilizar, repensar, recusar e reduzir.
- Corrente resolutiva – ao perceber o meio ambiente ameaçado por crescentes problemas ambientais, como a polui o causada pela expansão industrial, na

década de 70, surge esta corrente onde seu foco central está na resolução destes problemas, neste sentido, Loureiro (2006) assim comenta:

[...] falar em ambiente era pensar na preservação do patrimônio natural, em um assunto técnico voltado para a resolução dos problemas ambientais identificados e em algo que impedia o desenvolvimento do país. Nesse contexto, a Educação Ambiental se inseriu nos setores governamentais e científicos vinculados à conservação de bens naturais, com forte sentido comportamentalista, tecnicista e voltada para o ensino da ecologia e para a resolução de problemas (LOUREIRO, 2006, p. 80).

- Corrente sistêmica – esta versa sobre a importância de seguir um processo para compreender as questões ambientais e, se necessário, fazer as devidas interferências, segundo a mesma, antes de tudo, é preciso conhecer, investigar, analisar, para então, de posse de todas as informações possíveis, traçar estratégias de interferência. A educação ambiental, segundo esta corrente, se sustenta na ecologia e nas ciências biológicas.
- Corrente científica – enfatiza a resolução de problemas ambientais de forma científica, neste sentido, a observação, apoiada na experimentação é uma constante. A educação ambiental está intimamente relacionada ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades relacionadas a ciências naturais, tendo como objetivo central a aquisição de conhecimentos científicos sobre o assunto. Neste contexto, esta corrente tem grande destaque no momento em que os pesquisadores, a partir de uma visão sistêmica, trazem colaborações importantes para o melhor entendimento dos fatores ambientais sob todos os contextos.
- Corrente humanista – tem como foco a dimensão humana do meio ambiente, esta corrente percebe a natureza sob um olhar histórico, cultural, político e econômico, onde a natureza e a sociedade dialogam de forma bastante contundente. O meio ambiente, portanto, não é entendido apenas como um conjunto de elementos biofísicos e, sim, analisado a partir das interações sociais, correspondendo a um modo de vida.
- Corrente moral/ética – enfatiza a ética no desenvolvimento dos valores ambientais, esta corrente, considera a relação com o meio ambiente e a sustentabilidade a base do comportamento ambiental desejado. Do ponto de vista educativo, o desenvolvimento moral dos alunos está vinculado ao

desenvolvimento lógico-científico, no qual prevalecem as noções éticas no trato com o meio ambiente.

No entanto, esta abordagem racional da realidade moral ou ética não é a única abordagem viável sobre a educação ambiental, neste sentido, Luciene Sauv , apresenta outras correntes mais recentes nas quais se propõe a debater o meio ambiente sob vários enfoques, os quais oferecem uma dimensão mais aprofundada sobre o tema, conforme veremos a seguir:

- Corrente holística – seu grande objetivo   promover a intera o do “ser” com o meio ambiente, tendo como principal viés o caráter analítico e racional das questões ambientais, bem como das intera es sociais com o meio.

Sobre esta corrente, Sauv  traz uma importante contribui o conforme segue:

Segundo os educadores que inscrevem seus trabalhos nesta corrente, o enfoque exclusivamente analítico e racional das realidades ambientais se encontra na origem de muitos problemas atuais.   preciso levar em conta não apenas o conjunto das múltiplas dimensões das realidades socioambientais como também das diversas dimensões da pessoa que entra em rela o com estas realidades, da globalidade e da complexidade de seu “ser-no-mundo” (SUV , p. 27).

- Corrente bioregionalista – para melhor entendermos esta corrente,   importante, antes de tudo, definirmos os conceitos de biorregi o que possibilite um efetivo entendimento da corrente em questão. Desta forma, Nozick (1995) traz uma importante colabora o ao afirmar que uma biorregi o   caracterizada por uma área geográfica com características comuns, como relevo, eleva o, flora e fauna, outro ponto, ainda segundo a autora, importante a ser levado em considera o em uma biorregi o   a história e a cultura dos povos que vivem nestas áreas. Neste sentido, uma rela o dinâmica entre as realidades ambientais com as culturais possibilita a cria o de uma sensa o de “lugar vivo” enraizada na história e na cultura.

Neste contexto, a escola torna-se um dos principais meios de desenvolvimento local, propondo profundas reflexões do ponto de vista social, cultural, ambiental, e histórico, lançando mão de um processo metodológico que privilegia as questões emocionais, cognitivas e criativas, como forma de despertar no aluno um sentimento de pertencimento em rela o   natureza e, com este sentimento, a responsabilidade pelo cuidado e prote o.

- Corrente praxica – a ênfase desta corrente está na aprendizagem através do método ação/reflexão, sob este contexto, Paulo Freire nos traz uma importante contribuição “se o momento já é o da ação, esta, se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica” (FREIRE, 1987, p. 67). Evidenciando-se, portanto, que o principal processo desta corrente é a pesquisa-ação de forma crítica, onde se propõe, através de dinâmicas participativas, promover mudanças significativas no meio a partir do trabalho com diferentes atores, os quais compõem as mesmas realidades, promovendo, assim, significativas mudanças sociais, ambientais e educacionais.
- Corrente feminista – traz como pano de fundo, questionamentos importantes acerca da “dominação” masculina no âmbito das discussões referentes a questões ambientais, surge como um contraponto, no sentido de resgatar a autonomia feminina na promoção dos saberes e fazeres ambientais. Sobretudo ao resgatar as tradições femininas de cuidado e zelo pelo meio ambiente, conforme nos aponta Clover (2000)

Frequentemente as mulheres são as primeiras a intervir em educação ambiental. Em seus lares e comunidades, desenvolvem uma compreensão particular dos processos naturais do meio. Há séculos, as mulheres estiveram envolvidas no ensino da medicina tradicional e nos cuidados de saúde, em colher as sementes e em manter a biodiversidade, em cultivar e preparar os alimentos, em trabalhar a mata e em administrar a provisão de água. Estas habilidades são cada vez mais essenciais diante da degradação do meio ambiente (...). As mulheres desenvolveram no cotidiano estratégias de sobrevivência em que se deve inspirar a sobrevivência do planeta. Suas ideias e suas ações traduzem outra compreensão das problemáticas atuais (...), ao nível de um saber superior (...). (CLOVER et al., 2000, p.18).

Neste sentido, a educação ambiental se propõe a reestabelecer uma relação de harmonia com a natureza, através de conceito social que busque o estabelecimento de relações saudáveis e harmoniosas entre todos os seres humanos, estreitando os espaços entre gêneros, promovendo condições igualitárias de efetivo empoderamento socioambiental.

- Corrente etnográfica – percebe o meio ambiente a partir de um olhar cultural, neste contexto, a educação ambiental deve considerar as diversas culturas das populações para, em um segundo momento, uma vez compreendendo os

processos culturais, propor um novo olhar para as questões ambientais na qual se está inserido.

- Corrente eco educativa – tendo como eixo central a apropriação da interação com o meio ambiente para o desenvolvimento pessoal, esta corrente se relaciona com a eco pedagogia, onde sugere um processo pedagógico que possibilita a percepção do meio ambiente a partir de situações vividas no cotidiano. Trata-se, portanto, de perceber a natureza como uma sala de aula, onde, a partir da observação, é possível construir conceitos e promover mudanças positivas do ponto de vista ambiental.
- Corrente da sustentabilidade – o seu princípio fundamental é o desenvolvimento sustentável, no qual prevê a utilização racional dos recursos naturais no sentido de garantir que estes não se esgotem e que possam ser repassados para as futuras gerações. Neste sentido, a educação ambiental, segundo esta corrente, está limitada a uma visão naturalista, não se preocupando efetivamente com o caráter social.
- Corrente crítica social – tendo como radical a pedagogia progressiva, a partir das reflexões de Morin, esta corrente, trata a educação ambiental como um processo político de uso crítico e reflexivo, a partir do modelo reflexão/ação, onde se propõe a construir valores e imprimir comportamentos na sociedade que promova ações sustentáveis integrando as dimensões humanas com os aspectos físicos naturais, percebendo a complexidade e abrangência das questões ambientais (REIS, 2008). Neste aspecto, percebemos que a teoria e a ação estão intimamente ligadas a partir de uma visão crítica.

Nesta lógica, percebemos que esta corrente está intimamente ligada com as outras, nas quais se propõem a promover as transformações socioambientais, neste ponto de vista, a educação ambiental, nesta corrente, é concebida sob um caráter pedagógico que muito se aproxima dos preceitos de Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido, onde se relata uma metodologia similar, conforme segue:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação, o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Em qualquer destes momentos, será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação. No primeiro

momento por meio da mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos; no segundo, pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros místicos, na estrutura nova que surge da transformação revolucionária (FREIRE, 1987, p.23).

Percebendo o caráter educativo e crítico desta corrente, nos propomos a melhor compreendê-la, sobretudo por considerarmos de fundamental importância para o processo transformação socioambiental. Neste contexto, trataremos um diálogo da educação ambiental crítica com alguns teóricos os quais julgamos relevantes para a construção da pesquisa, sistematização dos dados e posteriormente as discussões a serem levantadas.

3.2.2 A Educação Ambiental Crítica

A educação ambiental crítica vai além dos bancos escolares, sua premissa, conforme Freire (1987), está na possibilidade de garantia de liberdade e emancipação política, social e ambiental de todos, através de uma práxis que percebe, no coletivo, as ferramentas necessárias para garantir a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária, sob todos os aspectos: econômico, político, ambiental, cultural.

A educação ambiental crítica, portanto, deve primar pela formação crítica do cidadão, tornando-o capaz de refletir sobre o mundo e interferir no mesmo de forma a promover mudanças significativas. Neste contexto, Guimarães (2000) comenta:

Em uma concepção crítica de Educação Ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causada e consequência da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta visão o educando e o educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo estes conteúdos de trabalho pedagógico. Aqui a compreensão e atuação sobre as relações de poder que permeiam a sociedade são priorizadas, significando uma educação política (GUIMARÃES, 2000, p.17).

Entendendo a importância de uma educação ambiental crítica e focada nas possibilidades reais de transformação social, econômica e política a que se propõe, conforme preconizado em Vieira e Tristão (2016).

A EA é uma dimensão essencial da educação, vista como processo de desenvolvimento. Considerá-la como um tema, dentre tantos outros, seria, entre outras possibilidades, provocar uma dupla redução. Em primeiro lugar

porque a EA lida com um problema complexo: o meio ambiente, que não é um tema. Antes, uma realidade vital, intrínseca e integrante de nossas vidas e das vidas de inúmeros outros seres. Em segundo lugar porque a EA refere-se à realidade trinitária, sugerida por Edgar Morin, que está na base do desenvolvimento pessoal e social: indivíduo-espécie-sociedade (Vieiras e Tristão. 2016 p. 160).

Para uma educação crítica, portanto, é preciso, ao educador, se reeducar, quebrar paradigmas e romper de fato com anos de doutrinação “bancária” (FREIRE, 1987). Pois, desta forma, poderá garantir êxito no momento de “despertamento” dos educandos para uma nova realidade, onde o respeito e o cuidado devem ser a tônica de uma nova ética mundial, conforme nos aponta Guimaraes (2004, p. 86) “Trata-se de uma mudança de atitude nossa e com nós mesmos, em uma nova visão de mundo; nossa com os outros e o meio ambiente que nos envolve”, em uma ação solidária.

3.2.3 Práticas Socioambientais na e com a Escola

Conforme Guimarães (2004) afirma,

A educação ambiental vem se disseminando no ambiente escolar brasileiro. É uma crescente inserção em respostas às expectativas que a sociedade projeta sobre a escola. A institucionalização da EA que vem se processando reflete a demanda da sociedade e, reciprocamente, pressiona as escolas a desenvolver ações que denominam educação ambiental. Portanto, a EA já é uma realidade para os professores e estes estão fazendo, ou se sentem compelidos a se debruçar sobre essa nova dimensão educativa (GRIMARÃES, 2004. p. 119).

No entanto, esta educação ambiental ofertada sistematicamente aos alunos, pode ser vista sob dois aspectos, como ameaça ou oportunidade: como ameaça, no momento em que é ofertada de forma descompromissada com uma práxis educativa, a partir de uma concepção “bancária”; como oportunidade, na medida em que o educador, assumindo a sua condição de agente de transformação, busca construir junto com os alunos conceitos e práticas que verdadeiramente possam promover transformações socioambientais significativas para o planeta, nesta ótica, Freire comenta:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (FREIRE, 1996, p. 13).

Neste contexto, torna-se evidente a importância de buscar métodos de construção de uma nova educação, voltada à valorização do coletivo, ao considerar a tendência crítica, transformadora e emancipatória da educação ambiental na qual nos propomos a trabalhar nas escolas, as práticas socioambientais não devem fazer parte do currículo escolar, e sim do cotidiano escolar, discutido, valorizado e vivido por todos os atores que compõem o universo da escola.

Ao trabalhar a educação ambiental crítica, percebemos grandes desafios, sobretudo ao desenvolver ações junto à educação infantil, pois se trata de uma fase na qual a criança está construindo conceitos que levará para toda a sua vida adulta, desta forma, a responsabilidade do educador tende a ser bem mais acentuada. Tendo em vista que é na educação infantil que a criança se encontra no período pré-operatório, preconizado por Piaget, onde ela é capaz de estabelecer relações e diferenças entre significante e significado.

O processo de formação das crianças em questão não deve se limitar aos muros da escola, pois, para um efetivo trabalho que verdadeiramente contribua com as transformações sociais e ambientais preconizadas pela educação ambiental crítica, é necessário atingir toda a comunidade e, em um primeiro momento, o núcleo familiar dos alunos, pois desta forma, as crianças terão em casa a continuação dos princípios desenvolvidos na escola, para tanto, embora se configure em um trabalho bastante desgastante para o educador, torna-se necessário, se de fato o objetivo for a construção de uma sociedade cada vez mais consciente da sua importância no processo de subsistência no planeta

Para administrar um trabalho de Educação Ambiental com crianças que estão prestes a desbravar o vasto mundo, métodos importantes devem ser aplicados de forma a favorecer a descoberta do novo, neste contexto, afirma Brandão (2003):

[...] E não deveria, então, ser feito às próprias crianças? Se elas vivem o que através de incontáveis investigações imaginamos conhecer cientificamente, por que não perguntar a elas o que sabem sobre seu próprio modo de vida? Por que não dialogar com e entre elas sobre o que vivem e o que desejam, antes de investigá-las ou de realizar “experimentos” sobre elas. Por que não aprender a viver pesquisas com elas em vez de apenas realizar investigações experimentais sobre elas? Romântico? O que pensar, porém, do longo tempo em que as mulheres não podiam (ou não deviam) realizar estudos sobre o corpo, a vida e a própria identidade? (BRANDÃO, 2003, p. 16).

Para tanto, o professor deve lançar mão de métodos e técnicas que facilitem a assimilação dos conceitos, pelos alunos, mas, acima de tudo, promovam nos

mesmos um sentimento de encantamento pelas questões ambientais. Neste sentido, considerando a idade das crianças no Maternal II, a melhor estratégia, passa pela ludicidade que, neste caso, torna-se uma metodologia importante para o aprendizado.

Desta forma, defendemos aqui um processo investigativo, no sentido de entender no que se tem feito sobre estes aspectos, no que se refere à coleta seletiva nas salas de aula do Maternal II da escola investigada, bem como o posicionamento da escola frente a estas questões. Uma vez compreendidos os fatos, torna-se urgente a proposição de ações que de fato contribuam, de forma eficiente, na implantação de ações concretas que vislumbrem o trabalho focado na coleta seletiva não apenas na escola, como também em seu entorno.

3.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES DE TRISTÃO, LOUREIRO, BARTH E GUIMARÃES

Devemos, inicialmente, considerar Layrargues (2002, p 189) ao se referir à educação ambiental crítica como “um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos sócio ambientais”. Neste contexto, pretendemos aqui trazer alguns posicionamentos de teóricos/práticos da educação ambiental que contribuirão para o amadurecimento de conceitos acerca do tema em questão.

Neste sentido, Loureiro (2019), em seu artigo, Questões ontológicas e metodológicas da educação ambiental crítica no capitalismo contemporâneo, apresenta a educação ambiental sob um enfoque voltado para as questões sociais, segundo suas percepções, para que verdadeiramente a educação ambiental crítica promova efetivas e significativas transformações sociais, é fundamental que ela

que crie um diálogo de saberes e conhecimentos científicos caracterizado pela elaboração de um saber independente dos discursos dominantes, pela valorização dos saberes tradicionais e das práticas dos trabalhadores que estão pressionados pela escassez de trabalho assalariado e pela precarização das condições de trabalho (LOUREIRO, 2019, p 83).

Desta forma, Loureiro, propõe que os principais atores da educação ambiental crítica sejam os sujeitos que estão diretamente ligados à base material das

contradições sociais e incorporam a negação dos contextos sociais, na expectativa de, a partir de um movimento libertário de reflexão/ação, possam efetivamente conquistar sua autonomia. “Educação ambiental crítica não se realiza do sujeito para o mundo, mas entre sujeitos que coletivamente agem para transformar o mundo e se transformar” (LOUREIRO, 2019, p.91).

Neste sentido, Guimarães (2004) contribui com Loureiro ao afirmar que

É dessa forma que a educação ambiental crítica, voltada para a formação da cidadania ativa e planetária, poderá ser um importante instrumento que contribua para a gestão das relações sustentáveis, em qualquer que seja o espaço, entre sociedades humanas e a natureza, já que é intrínseca, a essa concepção de educação ambiental, a conquista de espaços de participação e mobilização, nas diferentes escalas de gestão (GUIMARÃES. 2004, p. 80).

Nesta lógica, Rodrigo Barchi (2009) ao compreender a educação ambiental crítica, a partir de uma perspectiva dialógica transformadora, afirma que:

O que interessa são as conexões entre os diversos saberes, identificar as inúmeras representações sociais, criar diálogos entre elas e, a partir daí, manter a possibilidade de elas estarem sempre em construção através da dialogicidade, resistindo a concepções totalizantes a respeito dos mais diversos temas da educação ambiental (BARCHI;2009. p. 76).

Ao considerar a educação ambiental crítica em Barchi (2009), a qual deriva de uma série de conceitos comuns, sendo, portanto, considerada como um fenômeno científico, histórico, político e filosófico, bem como uma atividade que penetra em outras áreas do conhecimento, encontra nestes preceitos, forças necessárias para, a partir de uma concepção crítica, ampliar sua capacidade transformadora através do diálogo.

Neste sentido, Barchi (2020) traz um profundo questionamento em relação ao caráter político-institucional da educação ambiental, sobretudo, no momento em que esta deve ser percebida como instrumento revolucionário das classes dominadas, sendo, portanto, contrária aos interesses dominantes, conforme segue:

A construção da educação ambiental, como um movimento filosófico e político na educação e na ecologia política, precisa evitar ser entendida exclusivamente a partir da normalização e institucionalização da educação ambiental como política pública. Se a educação ambiental, pensada como herdeira do legado dos movimentos ecologistas, busca a transformação radical das sociedades, não é através da lei e da aceitação pela governamentalidade - ou do seu protagonismo da mesma - que a história pode ser contada, já que a principal crítica é justamente contra as tragédias promovidas pela ação do capital protegido pelo aparato estatal (BARCHI, 2020, p 9).

Seguindo esses preceitos do autor, portanto, nos é permitido considerar que se a educação ambiental crítica libertária se propõe a estudar questões ambientais globais, ela deve ter objetivos filosóficos e políticos claros, tornando-se imprescindível a troca de conhecimentos entre os atores envolvidos nesse processo. Desta forma, os educadores possuem grande importância no momento em que se colocam como mediadores de tais conhecimentos. A educação ambiental, portanto, conforme nos aponta Tristão (2005, p.258) “visa, justamente, a potencializar as ações coletivas e a fortalecer o associativismo para resgatar o sentido da re-politização da vida coletiva”

Ao considerarmos a educação ambiental crítica (Tristão, 2009) percebemos que ela está transformando a pedagogia escolar em prática política, a partir da colaboração de professores e demais atores culturais, criando espaços críticos e coletivos de aprendizagem dentro e fora da escola, buscando a articulação com os movimentos sociais organizados. Sobretudo ao concordarmos com Tristão (2009) ao afirmar que:

A escola não pode assumir sozinha a grande responsabilidade em reverter a crise ambiental. A formação de valores sustentáveis não depende só da escola, mas de um conjunto de ações sociais, políticas, econômicas e ambientais em direção a sociedades mais justas, econômica e ecologicamente sustentáveis. Por isso, é tão importante buscar outros contextos, parceiros, pesquisadores/as, instituições, enfim (TRISTÃO; 2009, p. 113).

Desta forma, a educação ambiental crítica é compreendida a partir da complexidade das realidades socioambientais, através da “produção de uma ciência da religião, da junção dos diferentes saberes e da multiplicidade das vivências culturais e sociais”. Neste sentido, são consideradas as inter-relações e interdependências entre sociedade/meio ambiente, cultura/natureza. (TRISTÃO; 2009, p. 73).

No caso de uma questão tão híbrida, como a dimensão educativa e a dimensão ambiental, não basta sentir que estamos em crise, que as políticas públicas não atendem às nossas expectativas e que a mercantilização domina o mundo temos de encontrar alguns pontos de apoio para acreditar na possível mudança. E aí passa pelo sujeito sendo si mesmo no mundo e atuando no coletivo para juntar forças para que isso aconteça, para a formação de comunidades interpretativas (TRISTÃO; 2005. p. 262).

Neste contexto, torna-se mais evidente o caráter subversivo da educação ambiental crítica, pois ela propõe uma ruptura com os moldes tradicionais da educação ambiental, conforme nos aponta Guimarães (2004)

De forma contrária à educação ambiental tradicional, a educação ambiental crítica volta-se para uma ação reflexiva de intervenção em uma realidade complexa. É coletiva. Seu conteúdo está para além dos livros; está na realidade socioambiental derrubando muros das escolas. É uma educação política voltada para a transformação da sociedade em busca da sustentabilidade. Essa é, assim como nos diz Paulo Freire, uma “pedagogia da esperança”, capaz de construir utopias, como um “inédito viável”, por aqueles que têm a possibilidade de contribuir na construção de um mundo melhor (GUIMARÃES, 2004, p 87).

A educação ambiental que nos referimos, portanto, deve levar as pessoas a saírem do lugar-comum, se comprometerem com questões de ordem socioambientais, neste sentido, Guimarães (2004) comenta:

Uma educação que se pretenda crítica está atrelada aos interesses das classes populares, dos “oprimidos”, conforme nos anunciou Paulo Freire. (...) Essa educação ambiental vincula-se à prática social, contextualiza-se na realidade socioambiental, não podendo ficar restrita à mera transmissão de conhecimento ou voltada simplesmente para a mudança de comportamentos individuais esperando que a soma de mudanças individuais resulte na transformação “automática” da sociedade (GUIMARÃES, 2004, p. 76).

Diante das discussões ora apresentadas sobre a educação ambiental crítica, torna-se evidente a sua importância sobretudo, ao trabalhar questões tão profundas como a garantia da autonomia e o empoderamento, questões essenciais para o início de processos orgânicos e dinâmicos de transformações sociais e ambientais.

4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ESTUDOS

Para a construção de qualquer trabalho científico, a pesquisa é de suma importância, pois é através dela que se colhem informações e conhecimentos científicos de uma determinada problemática e, assim, encontram-se possíveis soluções. Gil (2002) define pesquisa como:

(...) o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. a pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (Gil,2002, p. 17).

O presente trabalho de pesquisa de campo, foi concebido como forma de conhecer e analisar os procedimentos utilizados no processo metodológico pelo qual se fundamenta a pesquisa, quanto à existência e a efetividade dos trabalhos de educação ambiental desenvolvidos pelos educadores do maternal II do Centro de Educação Infantil “Menino Jesus”, no município de Presidente Kennedy.

Ao considerar os objetivos propostos neste estudo, alinhando ainda as questões que pretendemos elucidar, ao longo deste estudo, sua caracterização se configura como uma pesquisa qualitativa, sobretudo, ao considerarmos Godoy (1995), no qual afirma que “a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada” (GODOY, 1995, p.21).

Desta feita, entendendo o caráter peculiar da pesquisa aqui apresentada, onde possibilita a avaliação e proposição de ações, entendemos ser, esta, a modalidade de pesquisa que melhor conduziu a pesquisadora a atingir os objetivos pospostos.

4.1 VISÃO GERAL DA PESQUISA

No momento em que nos propomos rever, de acordo com Paulo Freire, o nível de compreensão dos professores do Maternal II do CEMEI “Menino Jesus” em Presidente Kennedy-ES quanto à importância de uma educação ambiental crítica, bem como, problematizar junto com os professores da escola a importância da educação ambiental crítica a partir dos pensamentos de Freire e outros teóricos que

tratam da educação ambiental, a presente pesquisa possibilitou, através de uma análise bibliográfica de caráter qualitativo, enriquecer os conhecimentos teóricos, sobretudo os propostos em Freire e demais autores que defendem a educação ambiental crítica, bem como possibilitar reflexões sobre ideias discutidas no campo da educação que englobam esse objeto de investigação. Neste contexto, a pesquisa em questão manifesta o seu caráter exploratório, dado as características próprias desta pesquisa preconizadas por Gil (2008)

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento (GIL, 2008, p. 27).

Neste sentido, ao utilizarmos duas ferramentas exploratórias, sendo a entrevista semiestruturada e análise de grupo focal, nos possibilitou trazer à luz questões importantes para atingirmos os objetivos propostos.

A entrevista semiestruturada, conforme nos aponta (DUARTE, 2005, p. 62) é “(...) um recurso metodológico que busca, com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”, ao considerar os objetivos da pesquisa, esta abordagem se mostrou um agente facilitador na obtenção dos dados, neste sentido Minayo (2010) corrobora com esta afirmativa ao comentar: “Por ter um apoio claro na sequência das questões, a entrevista semiestruturada facilita a abordagem e assegura, sobretudo aos investigados menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa (MINAYO, 2010, p. 267).

Consideramos ainda a análise de grupo focal, dada a possibilidade de melhor interpretação e percepção da realidade na qual se encontra o sujeito da pesquisa.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o reconhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que compartilham algum traço em comum (GATTI, 2005, p.9).

4.2 DETALHANDO AS ETAPAS

A pesquisa foi realizada em duas etapas distintas, sendo uma entrevista semiestruturada e análise de um grupo focal, onde em cada etapa foram levantadas informações relevantes que se complementaram no momento das discussões.

Ao considerar que a escola investigada possui 1 diretor, 2 coordenadores de turma e 1 pedagogo, estes, participaram da pesquisa através de uma entrevista semiestruturada, onde foi possível, ao entrevistador, além de conhecer a realidade da escola, entender a eficácia das ações de educação ambiental desenvolvidas na instituição e avaliar o nível de entendimento dos gestores acerca da educação ambiental, nos aproximou dos seguintes objetivos propostos: observar como e se os professores abordam em suas práticas pedagógicas o tema da Educação Ambiental e verificar se as práticas pedagógicas dos educadores do Maternal II possuem foco na educação ambiental crítica.

As questões norteadoras da entrevista semiestruturada permitiram, de forma didática, construir uma narrativa sobre as questões propostas nos objetivos ora apresentados.

Outra ferramenta de coleta de dados importante para trazer à luz questões relevantes sobre o tema em questão foi o grupo focal, no qual participaram 3 professores e 3 auxiliares do Maternal II da unidade de ensino investigada.

4.3 SUJEITOS E LÓCUS DA PESQUISA

4.3.1 Sujeitos da Pesquisa

Ao considerar os objetivos propostos, os sujeitos da pesquisa são os educadores que trabalham no Centro Especializado de Educação Infantil, em específico, a diretora, a pedagoga, os dois coordenadores, os três professores e três auxiliares que trabalham com turmas de Maternal II.

4.3.2 Lócus da Pesquisa

O lócus da pesquisa será o Centro Municipal de Educação Infantil, localizado na sede do município de Presidente Kennedy-ES, que atualmente atende a 154

crianças com faixa etária de 4 meses a 4 anos completos. A sua organização administrativa é composta de um diretor, dois coordenadores de turno, uma pedagoga, um oficial administrativo. O corpo docente é formado por 14 professoras e 14 auxiliares que trabalham em turmas com uma média de 18 alunos.

4.3.3 Instrumento de Coleta de Dados

Dentre os métodos de coleta de dados utilizados, o grupo focal se destacou pela possibilidade de fornecer material bastante relevante para lançar luz sobre os objetivos propostos. Através do grupo focal, foi possível encontrar pistas importantes nas quais se propôs a aproximar os investigadores dos seguintes objetivos: observar como e se os professores abordam, em suas práticas pedagógicas, o tema da Educação Ambiental; verificar se as práticas pedagógicas dos educadores do Maternal II possuem foco na educação ambiental crítica; estimular a criação de uma rede de professores para a troca de experiências de práticas docentes que tratem da temática da Educação Ambiental Crítica; perceber, de acordo com Paulo Freire, o nível de compreensão dos professores do Maternal II do CEMEI “Menino Jesus” em Presidente Kennedy-ES quanto à importância de uma educação ambiental crítica; problematizar junto com os professores da escola a importância da EA crítica a partir de Paulo Freire e outros teóricos que tratam da EA;

Morgan (1997) define grupo focal como uma técnica de pesquisa onde um grupo de pessoas, interagindo entre si, dialogando sobre um tema em comum sugerido pelo pesquisador, que coordena e direciona as questões levantadas, anotando as suas impressões, não apenas a partir das informações levantadas no decorrer da interação do grupo, como também a sua impressão sobre a forma como cada membro se porta diante dos demais atores envolvidos, ao passo que Veiga e Gondim (2001), não contradizendo Morgan, mas corroborando com suas certezas sobre o tema, apresentam o grupo focal como um recurso por meio do qual é possível compreender as percepções sociais de grupos humanos.

A formação de um grupo focal deve respeitar algumas regras específicas, dentre elas, o grupo deve ser composto por pessoas com alguma característica em comum, quer seja, crença, relações de trabalho, condição social entre outras, características estas que deverão ser de certa forma o foco da pesquisa. Outro ponto a se levar em consideração é que o foco do grupo não deve ser a fala

individual dos participantes, mas sim as interações e inquietações dos participantes. Neste sentido, Gondim (2003) oferece uma importante contribuição ao afirmar que

A metodologia de pesquisa apoiada na técnica dos grupos focais considera os produtos gerados pelas discussões grupais como dados capazes de formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um tema específico. Neste caso, sem sombra de dúvida, torna-se necessário envidar esforços no sentido de compreender como o processo de discussão ocorre para que se avalie suas reais limitações e possibilidades (GONDIM, 2003, p.158).

Disto posto, devemos considerar a unidade educacional, ora investigada, na qual possui 3 turmas de Maternal II, com um professor regente e um auxiliar para cada sala, neste sentido, os professores e seus auxiliares participaram desta pesquisa através do grupo focal, onde em um único encontro foi possível levantar pistas importantes que permitiram dialogar com os objetivos previstos nesta pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através das ferramentas de coleta de dados, nos foi possível perceber as fragilidades e potencialidades do grupo pesquisado, no que se refere a sua prática pedagógica, bem como nos aproximar dos objetivos propostos.

5.1 GRUPO FOCAL

Como forma de garantir ao máximo a presença dos professores e seus auxiliares no grupo focal, o mesmo foi realizado na escola, em um dia de planejamento dos professores. O ambiente foi previamente preparado com cadeiras dispostas em círculos, em uma sala de aula, também foi disponibilizado uma mesa contendo água, biscoitos e café, onde os professores poderiam se servir.

Para a realização do grupo focal, contamos com apoio de equipe na qual se encarregou de fazer o registro de todas as falas, sendo uma pessoa filmando e outra fazendo anotações, ao passo que a entrevistadora conduzia a conversa de forma a não fugir do tema central no que nos propomos.

O grupo focal foi composto por 3 professores e 3 auxiliares, que participaram ativamente, oferecendo preciosas contribuições. Optamos por preservar a identidade dos participantes, neste sentido, seus nomes, aqui, são fictícios.

O grupo focal teve início com a apresentação da música Filhote do Filhote⁴, do compositor Rubinho do Vale, e em seguida foi solicitado aos participantes que fizessem apresentação relacionando a música com o seu cotidiano na escola.

As contribuições foram bastante significativas, no entanto, houve uma contribuição na qual se destacou das demais, devido à forma como a educadora percebe o meio ambiente e a necessidade de promover transformações significativas, conforme segue sua transcrição:

Maria – *“Esta música me fez lembrar não apenas das minhas crianças, mais acima de tudo das minhas filhas, uma de 3 e outra de 8 anos, pois me fez perceber que o planeta que deixarei para elas é bem mais incerto do que o que temos hoje, com tantas queimadas, poluição, desmatamento. Desta forma, acho que temos que mudar urgente a forma como a gente vê e vive no planeta”*.

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=_oKyhkOj5aI

Esta fala vem ao encontro dos preceitos da educação ambiental crítica, no momento em que promove uma nova forma de pensamento em relação ao planeta, nos remetendo ao que Carvalho (1998, p.09) fala a respeito dos educadores “são profissionais que estão mergulhados nas questões práticas do mundo da vida, e podem facilmente identificar em sua prática as lacunas deixadas pelo saber disciplinar”.

Após este momento introdutório, foram expostos os objetivos do grupo, e através de uma provocação inicial, foi inquirido a ele qual o seu entendimento sobre educação ambiental? A maioria quase que absoluta dos participantes replicou os dizeres preconizados na Política Nacional de Educação Ambiental disposta em seu artigo primeiro

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

No entanto, a auxiliar Rosa, fez uma contribuição na qual merece um destaque pela forma criativa na qual relacionou a educação ambiental, segundo o seu entendimento.

Rosa – *“a forma como eu entendo a educação ambiental, é um pouco diferente, não sei se está certo, mas eu penso assim: educação ambiental é como uma joia de família que você recebe de sua avó e junto com ela a missão de tradicionalmente passar para as futuras gerações, sempre tomando o cuidado de quando confiar a outro membro da família, ter a certeza de que ele entende o real significado daquela joia. Não é o valor financeiro que importa, e sim toda carga histórica e o que significa para a família. Assim é a educação ambiental, onde o planeta é a joia que nos foi entregue e a nossa missão é repassar para as futuras gerações de forma a manter sempre vivo o compromisso de cuidar e proteger o planeta, ensinando esse legado para nossos filhos, netos e bisnetos...”*

Esta fala se afina com a corrente conservacionista da educação ambiental preconizada por Sauv  (2005), sobretudo no momento em que Rosa percebe a educa o ambiental, classificando o meio ambiente como propriedade na qual temos que cuidar e proteger, caso contrário os seus recursos irão acabar. No

entanto, a educação ambiental crítica, como vimos anteriormente, vai além destes estereótipos.

Neste sentido, foi provocado ainda nos professores discorrer sobre a educação ambiental crítica, no entanto a grande maioria alegou desconhecer, entretanto, a professora Margarida, assim contribuiu:

Margarida – *“educação ambiental crítica, tem a ver com as questões sociais, é buscar entender que tudo que acontece na natureza, é culpa do homem, ela está ligada também as causas sociais, olha só como vivemos hoje aqui no Brasil! Temos tanta comida nas lavouras e o povo passando fome. Isso não é justo, as coisas estão cada dia mais desequilibradas, pouca gente com muito e muita gente sem nada”*

Após a fala da Margarida, buscamos contextualizar a educação ambiental crítica, trazendo elementos da sua fala, no sentido de valorizar a sua contribuição, bem como apresentar a necessidade de promover reais transformações sociais a partir de uma mudança de percepção e autoanálise, contribuindo, desta forma, para a formação do sujeito ecológico preconizado em (CARVALHO, 2006, p 3) “A noção do sujeito ecológico (...) indica os efeitos do encontro social dos indivíduos e grupos com um mundo que os desafia, inquieta-os e despoja-os de suas maneiras habituais de ver e agir”.

Desta feita, o sujeito ecológico se apresenta, assim como Freire (1997) preconiza, em sua obra Educação como prática libertária,

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1997. p. 43).

Evidenciando, portanto, uma nova forma de se relacionar com o mundo, onde o comprometimento com as questões ambientais passa necessariamente pelo cuidado, comprometimento e empatia para com todas as formas de vida, sem distinção.

Diante das preciosas contribuições, foi ainda feita uma provocação às educadoras, desafiando a responder a seguinte questão: Quais os desafios percebidos pelas senhoras, ao desenvolver a temática da educação ambiental para seus alunos?

Algumas educadoras apresentaram como principal dificuldade o nível de maturidade das crianças, pois segundo elas, ainda não conseguem assimilar de fato questões tão complexas como a educação ambiental. No entanto, a fala da auxiliar Rosa, nos chamou bastante atenção, conforme segue:

Rosa – no meu modo de ver, existem dois grandes desafios, o primeiro é uma questão interna, é preciso que eu me conscientize, tenha a capacidade de mostrar na prática com meus exemplos como se preserva o meio ambiente, pois eu, vou ser sincera com vocês, eu sei que estou errada, mais quando falo para as crianças economizar água ou reciclar o lixo, eu mesma não faço isso na minha casa. O discurso é muito bonito, mas a gente tem que dar o exemplo. Outro desafio que percebo, é a questão das famílias, pois não adianta nada a gente plantar arvores no dia do meio ambiente, fazer um monte de atividade com as crianças, se em casa os pais não ajudam a firmar esses conceitos na cabecinha das crianças.

A educação ambiental reconhece sua dimensão crítica emancipatória à medida em que promove inquietações capazes de tirar o indivíduo da inércia social em favor da construção de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária, desta feita, “a realidade socioambiental se inter-relaciona de forma interdependente, não sendo um aspecto isolado da realidade” (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

A missão do educador, portanto, uma vez imputado de saberes capazes de promover as necessárias transformações socioambientais, deve extrapolar os muros escolares, iniciando pelos pais dos alunos, que serão os principais contribuintes na sua formação crítica. Propiciando a efetivação de uma educação cada vez mais libertadora, sobre este aspecto Freire (1968) assim discipula:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (FREIRE, 1968, p. 69).

Neste sentido, evidencia-se o caráter social da educação ambiental crítica, pois só pode haver reais transformações socioambientais se esta surgir

necessariamente das dores e anseios da população, em especial daqueles que padecem em detrimento da exploração das elites dominantes.

Em seguida, foi solicitado aos professores que descrevessem sua rotina em sala de aula, neste sentido todas as três professoras contribuíram com suas falas, no entanto as falas muito se assemelham tendo em vista que esta rotina se trata de um protocolo estabelecido pela escola. Segundo as professoras a rotina tem início com a chegada das crianças na escola, em seguida café da manhã, somente após este momento é que se iniciam as atividades pedagógicas que ocupam toda a manhã, em seguida as crianças vão para o banho e depois seguem para o almoço, após o almoço as crianças são direcionadas para a sala de descanso e em seguida para atividades recreativas monitoradas, após este momento, tem o jantar e em seguida o retorno para as suas casas.

Evidenciou-se nesta rotina que as crianças possuem apenas dois momentos de efetivo aprendizado, sendo as atividades pedagógicas e a recreação dirigida, neste sentido, os professores possuem ao longo do dia duas oportunidades para desenvolver além das ações didáticas propostas pela grade curricular, ações de educação ambiental com as crianças.

Considerando a pandemia do COVID-19, no qual forço por um longo período as crianças ficarem em suas residências em isolamento social, sendo ministradas as aulas de forma remota, foi solicitado ainda aos professores que fizessem um breve relato de sua rotina no período em que ministravam tais aulas, bem como buscamos entender como era trabalhado a educação ambiental neste contexto, a professora Ana traz a seguinte contribuição:

Ana – *“Durante a pandemia, nós preparamos mensalmente uma apostila destinada aos pais com atividades a serem desenvolvidas pelos alunos em suas residências, além disso, mantínhamos contato com as famílias através do whatsapp, onde era oferecido todo apoio para os pais conduzirem as atividades. Nestas atividades, sempre que tinha alguma data comemorativa relacionada ao meio ambiente, a gente colocava alguma atividade que falava sobre o meio ambiente”*

Maria - *“Eu procurava também sempre que possível colocar uma historinha para os pais contarem que tinha alguma lição de preservação do meio ambiente, pois sabia que desta forma eu faria os pais pensar e discutir sobre esses assuntos”*

Margarida - *“A apostila que eu preparava sempre tinha um texto, uma música ou algo que trazia uma lembrança sobre o meio ambiente, nas datas*

comemorativas, como dia da árvore, dia do meio ambiente, dia do índio, em sempre procurava trabalhar durante a semana temas que buscavam discutir os problemas ambientais, como o problema do lixo, desmatamento, queimadas, seca e mitos outros”

Torna-se oportuno diante destas falas recordar o que Morrin (2011) nos alerta relacionado ao processo educativo frente as constantes transformações sociais.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (MORIN, 2011, p. 43).

Desta feita, a forma como os educadores vem desenvolvendo sua prática educativa, no que se refere à educação ambiental, nos remete a uma prática na qual percebem o meio ambiente como recurso, objeto, onde sua única serventia é estar em contínuo processo de servidão ao ser humano, esta visão antropocêntrica do meio ambiente nos parece extremamente egoísta e dissonante dos preceitos da educação ambiental crítica, sobretudo no momento em que não consegue reconhecer na educação ambiental a importância da diversidade cultural, do empoderamento das populações menos favorecidas, como forma de garantir também uma equidade socioambiental.

Necessário se faz uma percepção planetária, onde o homem não é o centro, e sim, parte integrante de um processo de interdependência, conforme aponta Morrin:

O átomo é o tijolo com o qual o universo organizado é construído, suas ligações formam os líquidos, os sólidos, os cristais; os edifícios de átomos diversos são as moléculas, a partir das quais se edificam as macromoléculas e, em seguida, nossa terra, as células vivas, os organismos, as sociedades, os humanos (MORRIN, 2005, p. 82).

Para que, de fato, esta educação ambiental transformadora e emancipatória cumpra o seu papel, promovendo significativas transformações, faz-se necessário, sobretudo, buscar as verdadeiras causas dos problemas ambientais. Desta forma, torna-se oportuno lançar mão dos dizeres de Guimarães (2007) ao afirmar que um dos problemas centrais no qual a educação ambiental deve focar é:

Entender as estruturas e visões de mundo dessa sociedade e sua relação com a natureza, sua dinâmica intermediada pelas relações desiguais de poder, suas motivações dinamizadas pelo privilégio aos interesses particulares, da parte sobre o todo, sobre o bem coletivo (GUIMARÃES, 2007, p 84).

Ao assumir esta missão, quase que profética, o educador assume um grande risco, pois, de forma crítica, ele busca entender e trazer à luz as razões pelas quais surgem as injustiças sociais e, então, quando se questiona os porquês, o educador se coloca em uma posição de linha de frente contra um sistema opressor, nos remetendo a uma célebre frase proferida por Dom Helder Câmara, Arcebispo fundador do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil, no período da ditadura militar: “Se dou esmola a um pobre, chamam-me de santo. Se pergunto o porquê de tanta pobreza, chamam-me de comunista”.

Ao analisar, a fundo, os problemas ambientais, facilmente perceberemos que em grande parte, sua origem vem exatamente das injustiças sociais, sobretudo ao percebermos, assim como Boff (2012), que somos parte de um todo, interligados através de uma tênue e complexa teia de relações, onde as ações de um, podem influenciar o modo de vida dos demais.

Neste prisma, faz-se necessária uma nova consciência, assim como Freire (2009) preconiza na Pedagogia do Oprimido ao afirmar:

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (FREIRE, 2009, p. 35).

Disto posto, nos é permitido questionar se as ações de educação ambiental desenvolvidas pelas educadoras promovem efetivas transformações no cotidiano das crianças. Nesta lógica, as educadoras trazem informações sobre a sua percepção quanto à mudança de atitude das crianças do ponto de vista ambiental, bem como os desafios promovidos pelo novo, pois as suas aulas, que anteriormente eram ministradas olhando nos olhos das crianças, sendo exemplo de atitudes no intuito de formar cidadãos cada vez mais capazes de verdadeiramente comprometidos com a construção de um mundo cada vez melhor, agora, elaboram e

ministram suas aulas de forma isolada, encarando a tela fria de um computador, sem um instantâneo *feedback* dos alunos.

Dessa forma, procuramos informações junto às educadoras se acaso perceberam algum avanço efetivo do ponto de vista ambiental nas crianças.

Margarida - *“Como estávamos no período da pandemia, não tivemos muito contato com as crianças, desta forma, não consegui perceber muitas mudanças nelas, pois não tinha aulas presenciais, mais agora, com o retorno das aulas, percebo que as crianças estão sim com algumas atitudes diferentes, como a questão do lixo na sala de aula, elas têm tido o cuidado de colocar o lixo na lixeira, isto é um ponto positivo que percebi”*.

Esta colaboração da professora pode demonstrar uma mudança de atitude em detrimento das atividades que ela fornecia, no entanto, pode também, ser um reflexo das atitudes que as crianças desenvolviam em suas residências, no sentido de manter suas casas organizadas, pois, segundo a professora, mudança que ela conseguiu perceber foi apenas na questão da manutenção da limpeza da sala de aula.

Ana - *“Eu não consegui perceber muitas mudanças nas minhas crianças, aliás agora que retornou as aulas, ao menos as minhas crianças, percebi que regrediram um pouco, pois estão mais indisciplinadas e com dificuldade de obedecer aos comandos”*

Maria - *“Assim como a Ana, eu consegui perceber esta mudança em relação ao lixo, também procurei fazer uma retrospectiva logo na primeira semana de retorno das aulas onde através de uma atividade pedi que eles desenhassem a natureza, e então a maioria dos alunos desenharam vários elementos, animais, árvores rio e o mais importante que percebi foi que desenharam pessoas no meio da natureza, mostrando que para eles nós também fazemos parte do meio ambiente”*

Evidencia-se, portanto, a importância da construção do sentimento de pertencimento nas crianças, sobretudo ao compreendermos, conforme apontado por Pieper, Behling e Dominigues (2014, p. 8) “o sentimento de pertencimento se relaciona com a noção de participação que é a chave para o desenvolvimento, a organização, a educação e o fortalecimento do indivíduo como cidadão”.

Os professores, posteriormente, foram conduzidos a perceber suas limitações, no que diz respeito à educação ambiental e sua aplicabilidade junto à

educação infantil, sendo necessária, a eles, uma formação mais efetiva sobre o tema em questão.

Ao considerar que a última capacitação ofertada aos professores, sobre educação ambiental, foi através de um módulo de uma formação continuada promovida pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2019. É de se esperar que os educadores se sintam inseguros ou até mesmo inaptos a desenvolver o tema em questão, sobretudo quando se propõe a trabalhar com crianças com uma faixa etária tão baixa.

Disto posto, as educadoras foram conduzidas a analisar a possibilidade da formação de um grupo de estudos sobre educação ambiental e sua aplicabilidade na educação infantil. Este grupo, além de fornecer subsídios para as práticas pedagógicas, através da troca de experiências, funcionará como mola propulsora para implementar a educação ambiental crítica.

Após este momento, a pesquisadora, agradeceu as educadoras a colaboração, informando que como produto educativo será elaborado um material didático em formato de e-book a ser disponibilizado para todas as professoras da educação infantil que fornecerá subsídios para o desenvolvimento de aulas e projetos os quais contemplem a educação ambiental crítica.

5.2. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Na tentativa de melhor compreender os aspectos da escola investigada, bem como perceber as impressões dos gestores, no que diz respeito à educação ambiental, foi realizada uma entrevista semiestruturada, em que participaram: a diretora, a pedagoga e as duas coordenadoras.

Inicialmente, procuramos perceber qual o entendimento que as entrevistadas tinham acerca da educação ambiental crítica, desta forma, foi percebido que as respostas muito se assemelham inicialmente com a definição de educação ambiental preconizada na Política Nacional de Educação Ambiental, no momento em que elas apontam educação ambiental como processo formativo e, em seguida, apontaram a educação ambiental crítica como um processo formativo no qual leva a uma maior participação social, percebendo a cidadania como prática indispensável na formação do indivíduo.

Contribuir para a constituição de uma atitude ecológica, caracteriza a principal aspiração da EA. É por isso que ela traz consigo forte potencial para alimentar esse ideal de sujeito ecológico, ao mesmo tempo em que

opera como importante mediador, pela qual esse ideal vai sendo transformando em experiências concretas de identificação e subjetivação de indivíduos e coletividade (CARVALHO. 2006. p. 64).

Desta feita, a percepção que os gestores possuem sobre educação ambiental crítica, se mostra bastante afinada com os preceitos dos autores que sustentam a presente pesquisa.

Contudo, ao tentarmos validar as informações sobre as percepções sobre educação ambiental crítica, foi solicitado às entrevistadas que listassem algumas ações as quais exemplificam algum tipo de injustiça socioambiental no entorno da escola.

Dentre as poucas contribuições, podemos listar as seguintes situações elencadas: desigualdade social entre as famílias que moram no entorno da escola; marginalização das pessoas que residem em um bairro próximo da escola; descarte de lixo em locais inadequados.

Compreendendo a educação ambiental crítica sobretudo como um movimento orgânico que emerge dos interesses da coletividade, Tristão (2004) fornece precisa colaboração ao comentar sobre o sentido da educação ambiental

O sentido atribuído à Educação Ambiental é o de preparar os sujeitos para a preservação, condicionando o uso racional. Ora, a sustentabilidade não está baseada em uma visão utilitarista, centrada na racionalidade econômica; pelo contrário, é necessária uma articulação para não privilegiar nenhum de seus aspectos, seja econômico, seja sociocultural, seja ambiental (TRISTÃO, 2004. p. 9)

Torna-se impossível, portanto, dissociar a educação ambiental das questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

Neste sentido, solicitamos às entrevistadas que elencassem 5 temas ambientais, segundo a sua relevância, ficando desta forma:

- 1° - Desmatamento;
- 2° - Aquecimento Global;
- 3° - Uso Indiscriminado dos Recursos Naturais;
- 4° - Injustiça Social;
- 5° - Demarcação de Terras Indígenas.

Essa escala de prioridades demonstra uma dissonância entre as falas anteriores das entrevistadas, tendo em vista que a injustiça social aparece em quarto lugar, ao passo que pautas comuns na educação ambiental tradicional como desmatamento e aquecimento global se posicionam em primeiro e segundo lugar.

Buscamos ainda compreender como as entrevistadas percebem as ações dos professores, no que se refere à educação ambiental, desta feita, inicialmente, questionamos se os professores recebem ou receberam algum tipo de formação sobre educação ambiental. As entrevistadas responderam que atualmente não recebem nenhuma formação, no entanto, foi ofertada, a elas, através da Secretaria Municipal de Educação uma formação continuada em educação ambiental, no ano de 2019, e, com a pandemia do COVID – 19, as formações foram suspensas.

Inquirimos ainda as entrevistadas sobre como a escola apoia os projetos e ações de educação ambiental desenvolvidos pelos professores. Elas apontaram que o apoio acontece de forma natural, pois toda a escola se envolve nos projetos, incentivando tanto os educadores como também os alunos. Outra forma de apoio comumente realizado pela escola é a divulgação das ações e projetos nas redes sociais da escola, bem como nas redes sociais da Secretaria Municipal de Educação, sempre que possível.

E, por fim, solicitamos que fizessem um breve resumo de como os professores desenvolvem ações de educação ambiental em sala de aula. Apontaram que as ações são desenvolvidas ora através de projetos, ora por meio de ações isoladas, como limpeza do pátio, plantio de mudas, atividades ao ar livre e que em grande parte destas ações a escola, como um todo, participa de forma efetiva, corroborando, assim, com as informações levantadas através do grupo focal.

6 PRODUTO FINAL

Partindo do pressuposto de que todo processo reflexivo deve buscar conduzir para uma ação, após as discussões estabelecidas sobre a educação ambiental crítica, e percebendo as fragilidades dos educadores na aplicabilidade efetiva dos conceitos, nos propomos a conduzir um produto educativo em formato de guia com propostas focadas na Educação Ambiental Crítica para ser trabalhado nos centros municipais de educação infantil do município de Presidente Kennedy-ES. Este material, elaborado em formato de e-book, será disponibilizado em conjunto com os educadores que trabalham com educação infantil no município de Presidente Kennedy.

Outro ponto importante a ser trabalhado com este produto educativo será a possibilidade de suscitar na rede municipal, professores que pensam e trabalham a educação ambiental crítica.

Neste sentido, esperamos que o material em questão possa ofertar sua parcela de contribuição nas mudanças sociais e ambientais desta e das futuras gerações, construindo cidadãos conscientes do seu papel transformador na sociedade.

Compreendendo a importância de uma educação ambiental crítica e emancipatória, acreditamos que esta deve se iniciar de forma mais sistemática ainda na educação infantil, momento no qual a criança está assimilando conceitos importantes que levará para toda a sua vida.

Neste contexto, compreendendo as peculiaridades da educação infantil, e os desafios que são desenvolver tal tema com este público em questão, traremos algumas proposições de atividades contextualizadas para serem trabalhadas por professores em sala de aula.

Importante se faz, destacar, que aos professores que se mostrarem interessados em trabalhar a educação ambiental crítica com seus alunos, é necessário, antes de tudo, que estes estejam plenamente engajados nesta corrente da educação ambiental, sob pena de, caso contrário, sua prática docente não passar de falácia ineficaz.

O material a ser elaborado, será em 4 módulos, sendo estes referenciados pela obra do autor Leonardo Boff *As 4 Ecologias*⁵, disponível em vídeo onde o autor divide a ecologias em 4 partes, sendo a ambiental, a social, a mental e a integral. Recomendamos aos interessados que se apropriem desta obra como forma de aprofundamento das reflexões ora apresentadas.

Antecedendo cada módulo, traremos um breve resumo de cada uma das ecologias e posteriormente apresentaremos propostas de atividades e ações a serem desenvolvidas em sala de aula e nos espaços comuns da escola.

Como objetivo geral, busca-se oferecer aos professores da educação infantil suporte teórico e proposições de atividades de educação ambiental crítica a serem desenvolvidos com as crianças.

Os objetivos específicos são: apresentar a educação ambiental crítica como forma de mudança socioambiental das realidades de degradação e exploração ambiental; promover significativas mudanças no cotidiano escolar do ponto de vista ambiental; sensibilizar a comunidade escolar quanto ao papel de cada um frente a manutenção do planeta; mostrar as crianças a importância da preservação e do cuidado com o meio ambiente;

⁵ O vídeo em questão está disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=P8HfOTqvAJE>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo a educação ambiental crítica como importante metodologia na garantia da manutenção de vida no planeta, sobretudo no momento em que ela preconiza uma mudança radical na forma como o homem percebe a terra e suas relações com todos os seres vivos, compreendemos a importância de desenvolver esta temática de forma mais didática de forma a impactar as crianças bem pequenas, inculcando, nelas, valores como a empatia, o respeito pelo próximo e pelo planeta, comprometimento com causas comuns a todos. Nesta perspectiva, o educador, se faz peça fundamental na construção destes conceitos que formará cidadãos cada vez mais conscientes do seu papel de cuidar e proteger o que é de todos.

Ao analisar as questões levantadas com as mitologias de coleta de dados, é possível perceber os grandes desafios enfrentados pelos educadores do Maternal II de uma CEMEI no município de Presidente Kennedy, tais como, pouca formação na área ambiental, que geram equívocos quanto ao conceito de educação ambiental, tendo em vista que a forma como vem conduzindo as poucas experiências de educação ambiental em sala de aulas, se mostra um modelo arcaico, centrado em atividades pontuais descompromissadas com a realidade e em datas comemorativas.

Outro grande gargalo percebido foi quanto à falta de comprometimento das professoras com as questões sociais, não conseguindo estabelecer uma relação dos problemas sociais com as questões ambientais.

O pouco estímulo da participação familiar nas poucas atividades de educação ambiental desenvolvidas pela escola e/ou professoras, também gera um gargalo de grande relevância, pois se os pais não são impactados, as suas convicções continuarão as mesmas, percebendo o meio ambiente apenas como parte e não como um todo, no qual ele está inserido e responsável por ele, sendo assim, também, não contribuirão para a fixação dos conceitos ora apresentados a seus filhos, correndo o sério risco dos discursos referentes à preservação ambiental, limitar-se apenas a falácias sem efeitos, a médio e longo prazo.

Disto posto, acreditamos ser urgente a adoção de ações que promovam, de fato uma revolução no sistema educacional do município, no que se refere à educação ambiental crítica, de forma a promover as necessárias transformações

socioambientais que tanto desejamos, para tanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado, no sentido de conhecer ainda mais as potencialidades e fragilidades do sistema municipal de ensino, no que se refere à educação ambiental crítica, no sentido de construir uma proposta pedagógica que de fato faça a diferença.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Mario Sergio Cunha; LIMA, José Edmilson de Souza; Educação Ambiental: Breves Considerações Epistemológicas. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade** | vol. 8, n.4 | jan –jun 2015; Disponível em: <<http://docplayer.com.br/73964179-Educacao-ambiental-breves-consideracoes-epistemologicas-environmental-education-brief-epistemological-considerations.html>>
- BARCHI, Rodrigo. uma educação ambiental libertária. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. 22, janeiro a julho de 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2819/1582>>
- BARCHI, Rodrigo. **Do Comum Da Educação Ambiental À Educação Ambiental Do Comum**; EDUR. **Educação em Revista.** 2020; disponível em: <<file:///C:/Users/dell/Downloads/EducaoemRevista2020.pdf>>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias:** ambiental, política e social, mental e integral. Mar de Idéias, 1ª Ed. Petrópolis, 2012.
- BOTELHO, José Maria Leite. **A educação ambiental na formação do professor para o ensino fundamental em Porto Velho - RO.** 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998
- BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Política de Educação Ambiental. Conferência Sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária. Chosica/Peru, 1976.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-deeducacao-ambiental>. Acesso agosto de 2017.
- BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Curricular Comum.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf
- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos:** a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Carta da Terra 1992.** Disponível em:< <https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>> Acessado em 09/10/2020.
- BRASIL, **Política Nacional de Educação Ambiental.** LEI No 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm> Acessado em 11/10/2020
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e**

Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.2, n.2, abr./jun.2001, p. 43-51.

_____. **Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CLARO, Paulo Cesar Gastaldo; **Educação Ambiental Crítica: Em Busca De Um Marco Conceitual Para A Constituição Da Sustentabilidade Nas Escolas Do Município De Porto Velho.** Porto Velho, Rondônia, 2019. Disponível em; <file:///C:/Users/dell/Downloads/Tese%20vers%C3%A3o%20PGDRA%20VERS%C3%83O%20FINAL%20para%20publica%C3%A7%C3%A3o.pdf>

CLOVER, D.E.; FOLLEN, S.; HALL, B. The nature of transformation. **Environmental adult education.** Toronto (Ontario): Ontario Institute for Studies in Education/University of Toronto, 2000

DECLARAÇÃO DE TBILISI. **Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros.** Tbilisi, CEI, de 14 a 26 de outubro de 1977). Disponível em:<<http://educacao.riodasstras.rj.gov.br/rearo/pdf/decltbilisi.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2008.

DUARTE, Rozalia. **Entrevistas em Pesquisas qualitativas.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf> > acessado em 13/10/2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

FONTES, L. E. F. **Manual (prático) de Gestão Ambiental Municipal.** Em busca de Cidades Sustentáveis. 1ª Edição. Viçosa-MG. 2014.

FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO. **Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global.** Belém, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/dell/Downloads/FIPF_2009_CCP_01_001_pt_br.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. (a primeira edição é de 1970 e foi consultada uma cópia da 21ª edição), 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

GATTI, Bernatete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Série Pesquisa em Educação; Líber livro, Brasília, 2005.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa, Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.

Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>> acessado em 13/10/2020.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um debate?** Campinas, SP. Papirus, 2000.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP. Papirus, 2004.

GIL, Rebole Lima; **Saberes ambientais: pontes de convergência que enagem no espaço de convivência da formação de educadores.** Tese (Doutorado em Educação Ambiental) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://ead-tec.furg.br/images/teses/Robledo_Lima_Gil.pdf>

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>> acessado em: 10/03/2021.

Gondim, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos.** Paidéia, 2003, 2(24), 149-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?format=pdf>

LAYRARGUES, P.P. **A Crise Ambiental e suas Implicações na Educação;** QUINTAS, J.S (Org) Pensando e Praticando Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente. 2.ed.Brasília, Edições IBAMA,2002

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Fundamentos e trajetórias da educação ambiental.** São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Questões ontológicas e metodológicas da educação ambiental crítica no capitalismo contemporâneo. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 36, n. 1, p. 79-95, jan./abr. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333036589_Questoes_ontologicas_e_metodologicas_da_educacao_ambiental_critica_no_capitalismo_contemporaneo

MENEZES, Geisa Defensor Oliveira; MIRANDA, Maria Anália Macedo de. O lugar da educação ambiental na Nova base nacional Comum Curricular para o Ensino Médio. **Revistaea**, 2021 (Nº 75). Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4152>

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação.** In: _____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

Morgan, D. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series.** 16. London, 1997. Sage Publications

MORIN, EDIGAR. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOZICK, M. **Entre nous: rebâtir nos communautés.** Montréal: Écosociété, 1995

SAUVÉ, Lucye. Uma cartografia das correntes de educação ambiental. In. SATO, Michéle & CARVALHO, Isabel Cristina (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005. pp 17-44. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod_resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf>

REIS, Marília Freitas De Campos Tozoni. **Pesquisa-ação em Educação Ambiental**. Pesquisa em Educação Ambiental, v. 3, n. 1, 2008, p. 155-169. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108279>>.

TRISTÃO, Martha; **Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido**. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005; Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a08v31n2.pdf>>

TRISTÃO, Martha; **Um olhar sobre a educação ambiental no Brasil**. Processo formador em educação ambiental: mudanças ambientais globais. Pernambuco: UFRPE, 2009. v. 2, p. 65-115 Disponível em: <[3] Módulo 3 - (Para Download dos textos deste módulo) UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL (2).pdf>

TRISTÃO, Martha; **Os contextos da educação ambiental no cotidiano: racionalidades da/na escola**. GE: Educação Ambiental / n.22, 27ª Reunião Anual da Anped, 2004. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/os-contextos-da-educacao-ambiental-no-cotidiano-racionalidades-dana-escola>

VEIGA, L. & GONDIM, S.M.G. A utilização de métodos qualitativos **na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. 7(1), 2001. Disponível em: SciELO - Brasil - A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político

VIANA, Adriano de Souza. **Cidadania emancipatória e educação ambiental: uma intervenção a partir da pedagogia histórico crítica**. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Vitória, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/478/DISSERTACAO_Cidania_Emancipatoria_Educacao_Ambiental.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

VIEIRA, RANA PAZ LACERDA. **Por uma educação ambiental**. Dissertação (mestrado em geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AD4NQ6/1/disserta__o_rana_paz_lacerda_vieira_2015.pdf>

VIEIRAS, Rosinei Ronconi; TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental no cotidiano escolar: problematizando os espaços tempos de formação como processos de criação**. educação, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/16129/pdf>> acessado em 10/10/2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – GUIA DIDÁTICO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Educação Ambiental – Histórico

De acordo com Ramos (2001) a educação ambiental surge na segunda metade do século XX, período de expansão industrial, como uma estratégia da sociedade no sentido de resolver problemas ambientais nos quais eram vistos como uma possível ameaça ao planeta. Segundo Botelho (1998), o termo educação ambiental surgiu no ano de 1965 na Inglaterra, em uma conferência de educação promovida pela Universidade de Keele.

No entanto, só a partir da década de 70 que a educação ambiental ganha interesses nas agendas governamentais e da iniciativa privada, sendo assim, surgem inúmeras conferências, congressos, tratados e documentos que tem como principal perspectiva a conscientização das pessoas para as questões voltadas aos limitados recursos do planeta e a importância da conservação do mesmo para as futuras gerações.

No Brasil, a educação ambiental ganha maior notoriedade a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Eco-Rio 92, onde trouxe uma nova abordagem da educação ambiental, conforme este trecho do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, produzido pela sociedade civil durante o evento em questão:

Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relações de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário (FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO 2009, p. 1).

Uma questão que nos chama bastante atenção é a proximidade desta concepção proposta na Rio 92, com a Política Nacional de Educação Ambiental, sobre tudo no momento em que aponta a educação ambiental como um processo de reconhecimento individual e coletivo da construção de um ambiente saudável para todos. Neste contexto, a Lei nº 9.795/99 em seu Artigo 2º aponta disciplina que a educação ambiental tem que ser percebida como um “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”

Principais Correntes da educação Ambiental

A pluralidade de concepções acerca da educação ambiental, vai muito além das concepções dispostas nos tratados ou documentos oficiais, vários teóricos buscam trazer alguma contribuição acerca de sua concepção, a educação ambiental, portanto, ganha maior notoriedade na medida em que se percebe a sua formação a partir de várias correntes teóricas que, embora distintas, convergem para uma mesma ótica que é a preocupação com as futuras gerações.

Dentre as diversas correntes da educação ambiental existentes, vamos brevemente discorrer sobre algumas nas quais encontramos maior relevância.

- Corrente naturalista – O ponto central desta corrente são as relações estabelecidas com a natureza, onde a educação ambiental é percebida e desenvolvida com na e pela natureza;
- Corrente conservacionista – esta corrente está centrada basicamente na conservação dos recursos naturais, uma preocupação crescente e urgente de perceber o meio ambiente como um bem finito que necessita de constante “manutenção”;
- Corrente resolutiva – ao perceber o meio ambiente ameaçado por crescentes problemas ambientais como a poluição causada pela expansão industrial, na década de 70 surge esta corrente onde seu foco central está na resolução destes problemas;
- Corrente humanista – tem como foco a dimensão humana do meio ambiente, esta corrente, percebe a natureza sob um olhar histórico, cultura, político e

econômico, onde a natureza e a sociedade dialogam de forma bastante contundente. O meio ambiente, portanto, não é entendido apenas como um conjunto de elementos biofísicos e sim, analisado a partir das interações sociais, correspondendo a um modo de vida.

- Corrente moral/ética – enfatiza a ética no desenvolvimento dos valores ambientais, esta corrente, considera a relação com o meio ambiente e a sustentabilidade a base do comportamento ambiental desejado.
- Corrente holística – o grande objetivo desta corrente é a promoção da interação do “ser” com o meio ambiente tendo como principal viés o caráter analítico e racional das questões ambientais, bem como das interações sociais com o meio.
- Corrente bioregionalista – uma relação dinâmica entre as realidades ambientais com as culturais possibilita a criação de uma sensação de “lugar vivo” enraizada na história e na cultura. Neste contexto, a escola torna-se um dos principais meios de desenvolvimento local, propondo profundas reflexões do ponto de vista social, cultural, ambiental, e histórico, lançando mão de um processo metodológico no qual privilegia as questões emocionais, cognitivas e criativas, como forma de despertar no aluno um sentimento de pertencimento em relação a natureza, e com este sentimento, a responsabilidade pelo cuidado e proteção.
- Corrente etnográfica – percebe o meio ambiente a partir de um olhar cultural, neste contexto, a educação ambiental, segundo esta corrente, deve considerar as diversas culturas das populações, para em um segundo momento, uma vez compreendendo os processos culturais, propor um novo olhar para as questões ambientais na qual se está inserido.
- Corrente eco educativa – tendo como eixo central a apropriação da interação com o meio ambiente para o desenvolvimento pessoal, esta corrente, relaciona-se com a eco pedagogia, onde propõe um processo pedagógico que possibilita a percepção do meio ambiente a partir de situações vividas no cotidiano. Trata-se, portanto de perceber a natureza como uma sala de aula onde a partir da observação é possível construir conceitos e promover mudanças positivas do ponto de vista ambiental.

- Corrente da sustentabilidade – o seu princípio fundamental é o desenvolvimento sustentável, no qual prevê a utilização racional dos recursos naturais no sentido de garantir que estes não se esgotem e que possa ser repassado para as futuras gerações. Neste sentido, a educação ambiental, segundo esta corrente, está limitada a uma visão naturalista, não se preocupando efetivamente com o caráter social.
- Corrente crítica social – Tendo com radical a pedagogia progressiva, esta corrente, trata a educação ambiental como um processo político de uso crítico e reflexivo a partir do modelo reflexão/ação, onde se propõe a construir valores e imprimir comportamentos na sociedade que promova a ações sustentáveis integrando as dimensões humanas com os aspectos físicos naturais, percebendo a complexidade e abrangência das questões ambientais (REIS, 2008). Neste aspecto, percebemos que a teoria e ação estão intimamente ligadas a partir de uma visão crítica. Percebendo o caráter educativo e crítico desta corrente, nos propomos a melhor compreendê-la, sobre tudo por considerarmos de fundamental importância para o processo transformação socioambiental.

Educação Ambiental Crítica

A educação ambiental crítica, vai além dos bancos escolares, sua premissa, conforme Freire (1987), está na possibilidade de garantia de liberdade e emancipação política, social e ambiental de todos, através de uma práxis que percebe no coletivo as ferramentas necessárias para garantir a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e igualitária sob todos os aspectos: econômico, político, ambiental, cultural.

A educação ambiental crítica, portanto, deve primar pela formação crítica do cidadão, tornando-o capaz de refletir sobre o mundo e interferir no mesmo de forma a promover mudanças significativas. Neste contexto, Guimarães (2000) comenta:

Em uma concepção crítica de Educação Ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causada e consequência da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta visão o educando e o educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo estes

conteúdos de trabalho pedagógico. Aqui a compreensão e atuação sobre as relações de poder que permeiam a sociedade são priorizados, significando uma educação política (GUIMARÃES, 2000, p.17).

Entendendo a importância de uma educação ambiental crítica e focada nas possibilidades reais de transformação social, econômica e política a que se propõe, conforme preconizado em Vieira e Tristão 2016.

A EA é uma dimensão essencial da educação, vista como processo de desenvolvimento. Considerá-la como um tema, dentre tantos outros, seria, entre outras possibilidades, provocar uma dupla redução. Em primeiro lugar porque a EA lida com um problema complexo: o meio ambiente, que não é um tema. Antes, uma realidade vital, intrínseca e integrante de nossas vidas e das vidas de inúmeros outros seres. Em segundo lugar porque a EA refere-se à realidade trinitária, sugerida por Edgar Morin, que está na base do desenvolvimento pessoal e social: indivíduo-espécie-sociedade (Vieiras e Tristão. 2016 p. 160).

Para uma educação crítica, portanto, é preciso ao educador, se reeducar, quebrar paradigmas e romper de fato com anos de doutrinação “bancária” Freire (1987). Pois desta forma, poderá garantir êxito no momento de “despertamento” dos educandos para uma nova realidade onde o respeito e o cuidado devem ser a tônica de uma nova ética mundial, conforme nos aponta Guimaraes (2004, p. 86) Trata-se de uma mudança de atitude nossa e com nós mesmos, em uma nova visão de mundo; nossa com os outros e o meio ambiente que nos envolve, em uma ação solidária.

Sugestão de Leitura

- SAUVÉ, LUCYÉ. **Uma cartografia das correntes de educação ambiental.** In. SATO, Michéle & CARVALHO, Isabel Cristina (Orgs.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005. pp 17-44. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod_resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf>
- GUIMARÃES, MAURO. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP. Papirus, 2004.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. (a primeira edição é de 1970 e foi consultada uma cópia da 21ª edição), 1987.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, PAULO. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

MÓDULO 1

ECOLOGIA AMBIENTAL

Neste primeiro módulo iremos propor atividades e ações nas quais promovam o entendimento da necessidade da preservação do meio ambiente, seus recursos naturais. As propostas podem e devem ser adaptadas segundo o nível de entendimento dos alunos.

Antes, porém, é importante entendermos um pouco mais sobre o que se refere a ecologia ambiental na qual intitula este módulo. Para tanto, vamos lançar mão dos dizeres de Leonardo Boff ao abordar a questão em tela:

A ecologia Ambiental, se preocupa com o meio ambiente, para que não sofra excessiva desfiguração, com qualidade de vida e com a preservação das espécies em extinção. Ela vê a natureza fora do ser humano e da sociedade. Procura tecnologias novas, menos poluentes, privilegiando soluções técnicas. Ela é importante porque procura corrigir os excessos da voracidade do projeto industrialista mundial, que implica sempre custos ecológicos altos.

Se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta. (LEONARDO BOFF)

ATIVIDADES:

1. Mostra de Desenho

Exibição do desenho animado “O Lorax: Em busca da Trufula Perdida”.

A história se passa em uma pequena cidade, onde não existem árvores de verdade, pois estas foram completamente destruídas, e conseqüentemente o ar que respiram é artificial e comercializado por uma empresa. Desde as árvores coloridas, até mesmo os alimentos, tudo é fabricado com plástico e o ar é vendido pelo vilão da história, um ganancioso empresário. O herói da história parte em uma jornada para tentar reverter esse quadro de degradação ambiental e exploração, então com o auxílio de criaturas mágicas ao final, ele obtém êxito em sua jornada com um final surpreendente. Com um enredo de fácil compreensão, o filme agrada às crianças e propõe um bom debate sobre os recursos naturais do planeta.

Pistas para Reflexão:

- Qual a parte do filme que vocês mais gostaram e porque:
- Cuidar do planeta é missão de todos nós. Como podemos fazer isso?
- Tudo que faço de ruim com o meio ambiente ele acaba voltado para a gente.
- Vamos fazer um desenho da parte do filme que mais te chamou a atenção?

1. O Girassol

O gira sol é uma planta que traz diversas possibilidades de trabalho com foco no meio ambiente. Por se tratar de uma planta cujo o crescimento acontece relativamente rápido, em torno de 45 a 50 dias desde a semeadura até a florada, torna-se uma planta interessante para fazer o plantio com as crianças, onde o professor poderá acompanhar semanalmente o desenvolvimento da planta e fazer junto com as crianças o registro em forma de desenho.

A atividade proposta consiste no plantio e relatório da evolução de uma planta, que no caso será o girassol. Sugerimos que o professor antes da atividade, trabalhe os elementos da música “Mamãe Natureza – Brincando de Papel” disponível no link: <https://youtu.be/k5gkRzS-88k>. Em seguida distribuir folhas com desenho de um girassol para serem pintados. Após este momento propor a crianças que façam o plantio de sementes de girassol no pátio da escola. Deverá o professor distribuir sementes para todas as crianças e ensinar a elas como fazer o plantio das sementes.

Após o plantio, em sala de aula o professor irá falar para as crianças que a turma será responsável pelos girassóis plantados, devendo aguardar as plantinhas todos os dias, (esta atividade fará parte da rotina diária das crianças até que a planta tenha a idade adulta).

Semanalmente o professor levará as crianças para verem como a planta está evoluindo, pedindo sempre que elas desenhem a evolução das plantas, devendo guardar os desenhos para posterior exibição.

Quando o girassol estiver florido, e com as sementes maduras, o professor deverá convocar toda a escola, para em um ato solene fazer a coleta das flores e retirada das sementes e posteriormente distribuir para toda a escola para que os alunos plantem em suas residências e solicitar para que quando estiverem floridas e

no período de coleta das sementes, que colham e distribuam para os vizinhos, fazendo uma corrente de sementes de girassóis.

MÓDULO 2

ECOLOGIA SOCIAL

De acordo com os preceitos de Leonardo Boff, a ecologia social não vislumbra apenas o meio ambiente, ela quer o ambiente pro inteiro, colocando o meio ambiente, a sociedade e seus relacionamentos, dentro da natureza. A grande preocupação desta modalidade de ecologia está na garantia de direitos individuais e coletivos prescritos na Constituição Brasileira: Saneamento básico; saúde e educação de qualidade disponibilizada de forma a atender a todos; equidade social, onde cada indivíduo possa receber o que é necessário para a sua dignidade. Considerando toda a humanidade como parte da natureza, a toda e qualquer forma de violência contra o homem, configura-se em injustiça social, e é exatamente neste ponto em que a ecologia social se contrapõe. Sua base está centrada no desenvolvimento sustentável, atendendo as nossas necessidades básicas, sem sacrificar o capital natural da terra não comprometendo, portanto, a qualidade de vida das gerações futuras.

Nesta lógica, necessitamos urgente de uma sociedade sustentável na qual encontra para si o desenvolvimento viável suprimindo as necessidades de todos de forma equitativa. O bem-estar não pode ser apenas social, mas tem de ser também sociocósmico. Ele tem que atender aos demais seres da natureza, como as águas, as plantas, os animais, os microrganismos, pois todos juntos constituem a comunidade planetária, na qual estamos inseridos, e sem os quais nós mesmos não viveríamos.

ATIVIDADES

1. FERIA de Troca de Brinquedos

Esta atividade tem por objetivo levar as crianças a perceber a importância da partilha e da igualdade social. Ela consiste em uma feirinha montada em sala de

aula onde cada criança deverá trazer um ou mais brinquedos que não utilizam mais utilizam que esteja em bom estado de conservação, que deverão ser trocados entre as crianças.

Para introduzir a atividade o professor deverá explorar a música “Seu, Meu, Nosso – Mundo Bitá” disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FH4EDYF1frI>. Após trabalhar a música com atividades para colorir e conversas sobre a importância da partilha, apresentar a proposta para as crianças. Importante que os pais tenham plena ciência da proposta em questão, devendo o professor encaminhar um comunicado para a família.

Deixar bem claro para as crianças que os brinquedos que elas trouxerem para a escola serão entregues para outras crianças. O professor deverá marcar uma data específica para acontecer a feira.

A feira acontecerá de forma que as crianças tenham a possibilidade de trocar seus brinquedos com os coleguinhas. Ao final da feira, perguntar se toda as crianças estão satisfeitas com as trocas e com os brinquedos “novos”?

1. O que Vale Mais?

Esta atividade tem por objetivo levar a criança a refletir sobre o que é mais importante segundo a sua concepção. O professor deverá preparar vários cartazes em tamanho ofício com objetos e imagem de situações conforme segue:

- Brincadeira com amigos;
- Abraçar a família;
- Ajudar a quem precisa;
- Animalzinho de estimação;
- Plantar uma árvore;
- Estudar;
- Brinquedos;
- Celular;
- Roupa nova;
- Carro;
- Lanche bem gostoso;
- Avião;

Os cartazes serão divididos em dois grupos: grupo 1 com atitudes, grupo 2 com objetos. O professor deverá levantar dois cartazes de cada vez, sendo um de cada grupo e perguntar as crianças na opinião delas, qual vale mais? O final da atividade, levar as crianças a refletirem sobre o que é mais importante, ser ou ter?

1. História da Raposa aleijada

A história da Raposa aleijada, é uma fábula de autoria de Antonny de Mello⁶, disponível no livro *O Canto do Pássaro*, da editora Loyola. Transcrevo abaixo a fábula segundo o autor, no entanto, o professor deverá adaptar o texto de acordo com o nível da turma, podendo inclusive utilizar de artifícios como cartazes, fantoches e outros no sentido de despertar mais o interesse e atenção dos alunos.

“Um homem, viu na floresta, uma raposa com as patas aleijadas e admirou-se como, mesmo assim, sobrevivia. Nesse momento apareceu um tigre que trazia entre os dentes caça nova. Comeu a fera quanto quis, deixando o resto junto da raposa. No dia seguinte a mesma coisa: o homem observou como Deus alimentava a raposa servindo-se do tigre. E pensou consigo mesmo:

- Eu também me vou deitar, nalgum cantinho, com muita confiança no Senhor e ele vai mandar-me quanto me é necessário.

Assim fez, por alguns dias, mas nada aconteceu. E o pobre estava já às portas da morte, quando ouviu uma voz que dizia:

- Estás enganado, ó homem! Abre os teus olhos! Segue o exemplo do tigre e deixa de imitar a raposa aleijada!” (ANTONNY DE MELLO, 1982, p. 94)

O professor deverá explorar a história com atividades diversas como desenho, pintura, representação teatral entre outras, no entanto, é importante que os alunos sejam levados a refletir sobre a importância de ajudar o próximo, inclusive podendo ser solicitado a eles exemplo de ajuda ao próximo.

MÓDULO 3

ECOLOGIA MENTAL

A ecologia mental, está sustentada na crença de que os grandes problemas ambientais que afligem a terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que

⁶ MELLO, ANTONNY, *O canto do Pássaro*, 11ª Edição, 2003. Edições Loyola, São Paulo, 1982.

atualmente temos, trata-se de algo mais profundo pois está diretamente ligada à forma como se percebe o planeta.

É inerente ao ser humano um instinto primitivo de violência e dominação, isto está encarnado na nossa cultura que vem passando de geração em geração. Os nossos antepassados viviam e ratavam a terra como fonte de recurso inesgotável, devendo ser constantemente dominados e subjugados a seus interesses.

Este modo de pensar e agir, repassados pro gerações, imprime em nós instintos de violência e vontade de dominar a qualquer custo, e isto, nos afasta das relações saldáveis com a vida e à natureza. A nossa cultura antropocêntrica nos leva a pesar que tudo na natureza só existe e estão disponíveis para o nosso deleite, esta forma de pensar, contrapõe a lei mais básica do universo: a solidariedade cósmica, onde todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia de relações onde todos são importantes.

A ecologia mental, portanto, propõe uma Metanoia, uma nova forma de perceber o mundo e suas relações, para tanto, é necessário repensar nosso posicionamento, e sobre tudo a forma como tratamos todas as criaturas.

ATIVIDADES

1. Dia do Pet na Escola

O objetivo desta atividade é estimular a interligação entre todas as formas de vida animal, bem como evidenciar o cuidado, carinho e comprometimento das crianças para com seus pets.

Como forma de introduzir a ação, o professor deverá desenvolver ações pedagógicas como pinturas, desenhos, dança com gestos e conversas com os alunos sobre a música “Ciranda dos Bichos” do grupo Palavra cantada, disponível no link:

https://www.youtube.com/results?search_query=palavra+cantada+a+dan%C3%A7a+do+jacar%C3%A9.

Em seguida o professor apresentará aos alunos a proposta de fazer um dia de pet na escola, este dia será dedicado exclusivamente aos pets que as crianças trarão para a escola.

É muito importante que o professor evidencie que os pets a serem levados para a escola devem ser apenas aqueles que podem ser controlados facilmente pelas crianças, evitando problemas relacionados à segurança das crianças. Outra questão importante será a participação dos pais nesse processo, que deverão auxiliar as crianças na condução dos pets até a escola.

Durante todo o dia, as crianças deverão cuidar dos seus bichinhos, sendo responsáveis por suprir todas as necessidades deles, sempre sendo acompanhadas de perto pela professora e pelas auxiliares.

As crianças que não tiverem pets, serão encorajadas a ajudar as demais crianças no cuidado com os seus bichinhos.

1. Você quer ou precisa?

1. Esta atividade tem por objetivo, levar as crianças a fazerem escolhas conscientes do ponto de vista da sustentabilidade.

Previamente o professor deverá preparar os materiais a serem utilizados, conforme segue:

- Cartões a serem distribuídos para todos os alunos, os cartões devem ser confeccionados com figuras diversas conforme segue: celular vídeo game, boneca, carrinho, ursinho de pelúcia, doces, chocolates, picolé, roupa nova, tênis novo, comida saudável, água, frutas, casa, remédio. Importante ressaltar que cada criança deverá ficar com todos os cartões, logo, o professor deverá preparar um conjunto de cartões para cada aluno.
- Separar o quadro ao meio e de um lado escrever a palavra QUERO, e no outro lado, a palavra PRECISO.

O professor iniciará a atividade falando para as crianças a diferença entre querer e precisar de algo, em seguida solicitará que cada criança vá ao quadro e escolha um cartão para colar no lado QUERO e outro no lado escrito PRECISO. Cada criança colará dois cartões por vez, até todos terminarem em seguida o professor comparará com as crianças o que elas elegeram como necessidade, procurando mostrar a eles que nem sempre o que queremos, realmente é o que precisamos para sobreviver.

1. Música: Xote Ecológico.

Através da música Xote Ecológico, levar as crianças a perceber quem são os responsáveis pela destruição da natureza, pedindo que as crianças ilustrem a música e em seguida, propor uma discussão partindo do seguinte questionamento: O que nós podemos fazer para salvar a Terra?

Após a contribuição de todos, a professora deverá selecionar uma proposta levantada pelas crianças para pôr em prática, desde que seja viável. Se acaso não tiverem propostas viáveis, o professor deverá propor algo para fazer, que envolva toda escola, como a confecção de cartazes de conscientização para serem colados na escola.

A música xote ecológico de autoria de Luiz Gonzaga, encontra-se disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=DRFBwNddEHY>

MÓDULO 4

ECOLOGIA INTEGRAL

A ecologia integral percebe a terra como um todo, “uma linda bola azul” que necessita de cuidado e proteção, onde todos os seres estão interligados de forma cósmica, e assim como afirma Leonardo Boff (2012) “Devemos superar o antropocentrismo e a ilusão de que o ser humano é o centro de tudo. Ele é um elo da corrente da vida, pois a vida é una e unitária. Todos os seres vivos são feitos com os mesmos 20 aminoácidos e as mesmas quatro bases fosfatadas. Portanto, somos todos irmão e irmãs”. Desta forma, para nossa co-existência, se faz necessário sobre tudo uma visão de pertencimento, e desta forma, compreender as nossas fragilidades frente ao universo, nos tornamos apenas parte de um todo, em um constante processo evolutivo.

Portanto ninguém está pronto. Por isso, temos que ter paciência com o processo global, uns com os outros e também conosco mesmo, pois nós, humanos, estamos igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento.

ATIVIDADES

1. Música: “Esperança”

O objetivo desta atividade é mostrar para as crianças a importância do cuidado com o planeta e a interligação existente entre todos os seres.

O professor deverá exibir o vídeo da música “Esperança” da banda capixaba Casaca, em seguida após cantar junto com as crianças, propor uma conversa de como elas percebem o mundo hoje e como elas esperam que seja no futuro. O vídeo com a música está disponível no seguinte link:

<https://www.youtube.com/watch?v=NOsOUsAYn24>

2. O planeta que temos x o planeta que queremos

Esta atividade tem por objetivo levar as crianças a refletir sobre a forma como o planeta terra vem sendo tratado, para tanto o professor deverá preparar com antecedência dois cartazes em papel cráft com um círculo que deverá ser na dimensão quase que total do papel, deixando apenas espaço fora do círculo para colocar os títulos, sendo que em um cartaz deverá ter o título “O PLANETA QUE TEMOS” e no outro, “O PLANETA QUE QUEREMOS”

O professor deverá dividir a turma em dois grupos, cada grupo ficará com um cartaz, após uma conversa com cada grupo, solicitar que eles completem o desenho do planeta, de acordo com o título.

As crianças que irão fazer o desenho do planeta que temos, o professor deverá conversar com elas previamente tendo como direcionamento os seguintes questionamentos:

- Como você acha que está o planeta hoje?
- As pessoas têm cuidado das árvores?
- Os rios estão limpos?
- Todas as crianças têm os mesmos direitos?

(estas questões deverão ser debatidas com as crianças onde o professor deverá adaptar as perguntas para o nível de entendimento da turma, levando-as a perceber as fragilidades do planeta)

As crianças que farão o desenho do planeta que queremos o professor deverá conversar com as mesmas, tendo como direcionamento as seguintes questões:

- Como seria um planeta perfeito?
- Quais elementos deveria ter neste planeta?
- Este planeta seria colorido ou de uma cor só?

A professora distribuirá material para desenho e pintura entre as crianças e cada grupo deverá fazer o desenho, completando o planeta, a professora e as auxiliares deverão ficar atentas para auxiliar as crianças no que for necessário, bem como interpretar os desenhos das crianças e se preciso for escrever embaixo de cada desenho o seu significado.

Após o desenho pronto, a professora deverá apresentar para a turma os dois desenhos e pedir que cada grupo fale sobre o seu desenho, e qual o sentimento que despertou neles enquanto desenhavam.

3. Vamos Salvar o Planeta

Esta atividade, tem por objetivo mobilizar toda a comunidade para a necessidade de cooperarmos juntos para com a preservação ambiental, Através de uma ação onde os pais e toda escola serão convidados a participar.

O professor solicitará aos alunos que se dividam em grupos de 3, cada grupo será responsável por apresentar alguma apresentação com o tema meio ambiente. Os grupos deverão ensaiar as suas apresentações para em uma data pré estabelecida entre a professora e a direção da escola, serem apresentadas para toda a comunidade escolar. Entende-se aqui como comunidade escolar: os pais, os colaboradores da escola, todos os alunos e professores. Podendo ainda serem convidados técnicos da Secretaria Municipal de Educação e demais autoridades.

O evento terá início com uma fala do professor sobre a importância de todos abalharos unidos para salvar o planeta, após esta fala, será iniciada as apresentações dos grupos. Como fechamento do evento, a professora deverá apresentar uma coreografia com todos os alunos. Serão ainda expostos todos os trabalhos feitos pelos alunos relacionados ao meio ambiente, bem como um mural de fotos mostrando-os realizando as atividades.

Sugestões de Apresentações para os Grupos:

- Poesia em forma de jogral
- Coreografia;
- Teatro;
- Cartazes;
- Vídeos falando sobre a importância do meio ambiente;
- Musicas.

Ao final das apresentações, a professora deverá distribuir saquinhos com sementes de girassol para todos os participantes e como símbolo de compromisso para com o meio ambiente todos deverão plantar as sementes em suas casas.

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Qual o seu entendimento sobre educação ambiental crítica?
- Como os professores desenvolvem o tema educação ambiental em sala de aula?
- A escola como um todo, desde o pessoal de apoio até a direção apoiam os projetos desenvolvidos pelos professores com foco na educação ambiental?
() sim () não
Se a resposta for afirmativa, como se dá este apoio? Se a resposta for negativa, qual (is) o (s) motivo (s) que impedem tal apoio?
- Os professores e seus auxiliares recebem, ou já receberam alguma formação específica em educação ambiental para trabalhar em sala de aula?
() sim () não
Qual (is)?
- Você consegue identificar alguma injustiça socioambiental na sua comunidade escolar? Qual (is)
- Abaixo legue uma lista de temas ambientais na qual você deverá classificá-los quanto a sua importância, sendo 1 para maior importância e 5 para menor importância.
() demarcação de terras indígenas
() desmatamento
() injustiças sociais
() uso indiscriminado dos recursos naturais
() aquecimento global

APÊNDICE 3 – PRODUTO FINAL

Mariane Jordão Valpasso
Katia Gonçalves Castor

Guia didático de educação ambiental crítica



**Mariane Jordão Valpasso
Katia Gonçalves Castor**

Guia didático de educação ambiental crítica

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

Vitória

2021



Guia didático de educação ambiental crítica © 2021, Mariane Jordão Valpasso e Katia Gonçalves Castor

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katia Gonçalves Castor

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Capa e diagramação: Ilvan Filho

1^a edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V211g Valpasso, Mariane Jordão -
Guia didático de educação ambiental crítica / Mariane Jordão Valpasso, Katia Gonçalves Castor.
Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2021. -
32 p. : il. foto. color. ; 21 cm.
ISBN 978-85-92647-40-7
DOI 10.29327/548671
1. Educação. 2. Educação ambiental. 3. Educação infantil. I. Castor, Katia Gonçalves. II. Título.
CDD – 363.7

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956



SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS	05
1.1. Principais Correntes da Educação Ambiental	07
1.2. Educação Ambiental Crítica	10
2. MÓDULO 1	13
2.1. Ecologia Ambiental	13
2.2. Atividades	14
3. MÓDULO 2	17
3.1. Ecologia Social	17
3.2. Atividades	18
4. MÓDULO 3	22
4.1. Ecologia Mental	22
4.2. Atividades	23
5. MÓDULO 4	26
5.1. Ecologia Integral	26
5.2. Atividades	27
BIBLIOGRAFIA	31



1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Educação Ambiental – Histórico

De acordo com Ramos (2001) a educação ambiental surge na segunda metade do século XX, período de expansão industrial, como uma estratégia da sociedade no sentido de resolver problemas ambientais nos quais eram vistos como uma possível ameaça ao planeta. Segundo Botelho (1998), o termo educação ambiental surgiu no ano de 1965 na Inglaterra, em uma conferência de educação promovida pela Universidade de Keele.



No entanto, só a partir da década de 70 que a educação ambiental ganha interesses nas agendas governamentais e da iniciativa privada, sendo assim, surgem inúmeras conferências, congressos, tratados e documentos que tem como principal perspectiva a conscientização das pessoas para as questões voltadas aos limitados recursos do planeta e a importância da conservação do mesmo para as futuras gerações.

No Brasil, a educação ambiental ganha maior notoriedade a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Eco-Rio 92, onde trouxe uma nova abordagem da educação ambiental, conforme este trecho do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, produzido pela sociedade civil durante o evento em questão:



“Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relações de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário”(FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO 2009, p. 1).

Uma questão que nos chama bastante atenção é a proximidade desta concepção proposta na Rio 92, com a Política Nacional de Educação Ambiental, sobre tudo no momento em que aponta a educação ambiental como um processo de reconhecimento individual e coletivo da construção de um ambiente saudável para todos. Neste contexto, a Lei nº 9.795/99 em seu Artigo 2º aponta disciplina que a educação ambiental tem que ser percebida como um “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.



1.1. Principais Correntes da Educação Ambiental

A pluralidade de concepções acerca da educação ambiental, vai muito além das concepções dispostas nos tratados ou documentos oficiais, vários teóricos buscam trazer alguma contribuição acerca de sua concepção, a educação ambiental portanto, ganha maior notoriedade na medida em que se percebe a sua formação a partir de várias correntes teóricas que, embora distintas, convergem para uma mesma ótica que é a preocupação com as futuras gerações.

Dentre as diversas correntes da educação ambiental existentes, vamos brevemente discorrer sobre algumas nas quais encontramos maior relevância.

- Corrente naturalista – O ponto central desta corrente são as relações estabelecidas com a natureza, onde a educação ambiental é percebida e desenvolvida com, na e pela natureza;
- Corrente conservacionista – esta corrente está centrada basicamente na conservação dos recursos naturais, uma preocupação crescente e urgente de perceber o meio ambiente como um bem finito que necessita de constante “manutenção”;
- Corrente resolutiva – ao perceber o meio ambiente ameaçado por crescentes problemas ambientais como a poluição causada pela expansão industrial, na década de 70 surge esta corrente onde seu foco central está na resolução destes problemas;
- Corrente humanista – tem como foco a dimensão humana do meio ambiente, esta corrente, percebe a natureza sob um olhar histórico, cultura, po-



lítico e econômico, onde a natureza e a sociedade dialogam de forma bastante contundente. O meio ambiente, portanto, não é entendido apenas como um conjunto de elementos biofísicos e sim, analisado a partir das interações sociais, correspondendo a um modo de vida.

- Corrente moral/ética – enfatiza a ética no desenvolvimento dos valores ambientais, esta corrente, considera a relação com o meio ambiente e a sustentabilidade a base do comportamento ambiental desejado.
- Corrente holística – o grande objetivo desta corrente é a promoção da interação do “ser” com o meio ambiente tendo como principal viés o caráter analítico e racional das questões ambientais, bem como das interações sociais com o meio.
- Corrente bioregionalista – uma relação dinâmica entre as realidades ambientais com as culturais possibilita a criação de uma sensação de “lugar vivo” enraizada na história e na cultura. Neste contexto, a escola torna-se um dos principais meios de desenvolvimento local, propondo profundas reflexões do ponto de vista social, cultural, ambiental, e histórico, lançando mão de um processo metodológico no qual privilegia as questões emocionais, cognitivas e criativas, como forma de despertar no aluno um sentimento de pertencimento em relação a natureza, e com este sentimento, a responsabilidade pelo cuidado e proteção.
- Corrente etnográfica – percebe o meio ambiente a partir de um olhar cultural, neste contexto, a educação ambiental, segundo esta corrente, deve considerar as diversas culturas das populações, para em um segundo momento, uma vez compreendendo os processos culturais, propor um



novo olhar para as questões ambientais na qual se está inserido.

- Corrente eco educativa – tendo como eixo central a apropriação da interação com o meio ambiente para o desenvolvimento pessoal, esta corrente, relaciona-se com a eco pedagogia, onde propõe um processo pedagógico que possibilita a percepção do meio ambiente a partir de situações vividas no cotidiano. Trata-se, portanto de perceber a natureza como uma sala de aula onde a partir da observação é possível construir conceitos e promover mudanças positivas do ponto de vista ambiental.
- Corrente da sustentabilidade – o seu princípio fundamental é o desenvolvimento sustentável, no qual prevê a utilização racional dos recursos naturais no sentido de garantir que estes não se esgotem e que possa ser repassado para as futuras gerações. Neste sentido, a educação ambiental, segundo esta corrente, está limitada a uma visão naturalista, não se preocupando efetivamente com o caráter social.
- Corrente crítica social – Tendo com radical a pedagogia progressiva, esta corrente, trata a educação ambiental como um processo político de uso crítico e reflexivo a partir do modelo reflexão/ação, onde se propõe a construir valores e imprimir comportamentos na sociedade que promova a ações sustentáveis integrando as dimensões humanas com os aspectos físicos naturais, percebendo a complexidade e abrangência das questões ambientais (REIS, 2008). Neste aspecto, percebemos que a teoria e ação estão intimamente ligadas a partir de uma visão crítica. Percebendo o caráter educativo e crítico desta corrente, nos propomos a melhor compreendê-la, sobre tudo por considerarmos de fundamental importância para o processo transformação socioambiental.





1.2. Educação Ambiental Crítica

A educação ambiental crítica, vai além dos bancos escolares, sua premissa, conforme Freire (1987), está na possibilidade de garantia de liberdade e emancipação política, social e ambiental de todos, através de uma práxis que percebe no coletivo as ferramentas necessárias para garantir a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e igualitária sob todos os aspectos: econômico, político, ambiental, cultural.

A educação ambiental crítica, portanto, deve primar pela formação crítica do cidadão, tornando-o capaz de refletir sobre o mundo e interferir no mesmo de forma a promover mudanças significativas. Neste contexto, Guimarães (2000) comenta:

Em uma concepção crítica de Educação Ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causada e consequência da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta vi-



são o educando e o educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo estes conteúdos de trabalho pedagógico. Aqui a compreensão e atuação sobre as relações de poder que permeiam a sociedade são priorizados, significando uma educação política. (GUIMARÃES, 2000, p.17)

Entendendo a importância de uma educação ambiental crítica e focada nas possibilidades reais de transformação social, econômica e política a que se propõe, conforme preconizado em Vieira e Tristão 2016.

A EA é uma dimensão essencial da educação, vista como processo de desenvolvimento. Considerá-la como um tema, dentre tantos outros, seria, entre outras possibilidades, provocar uma dupla redução. Em primeiro lugar porque a EA lida com um problema complexo: o meio ambiente, que não é um tema. Antes, uma realidade vital, intrínseca e integrante de nossas vidas e das vidas de inúmeros outros seres. Em segundo lugar porque a EA refere-se à realidade trinitária, sugerida por Edgar Morin, que está na base do desenvolvimento pessoal e social: indivíduo-espécie-sociedade (Vieiras e Tristão. 2016 p. 160)

Para uma educação crítica, portanto, é preciso ao educador, se reeducar, quebrar paradigmas e romper de fato com anos de doutrinação “bancária” Freire (1987). Pois desta forma, poderá garantir êxito no momento de “despertamento” dos educandos para uma nova realidade onde o respeito e o cui-



dado devem ser a tônica de uma nova ética mundial, conforme nos aponta Guimaraes (2004, p. 86) Trata-se de uma mudança de atitude nossa e com nós mesmos, em uma nova visão de mundo; nossa com os outros e o meio ambiente que nos envolve, em uma ação solidária.

Sugestão de Leitura

- SAUVÉ, LUCYE. **Uma cartografia das correntes de educação ambiental.** In. SATO, Michéle & CARVALHO, Isabel Cristina (Orgs.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005. pp 17-44. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod_resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf>
- GUIMARÃES, MAURO. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP. Papirus, 2004.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. (a primeira edição é de 1970 e foi consultada uma cópia da 21a edição), 1987.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, PAULO. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.



2. MÓDULO 1



2.1. Ecologia ambiental

Neste primeiro módulo iremos propor atividades e ações nas quais promovam o entendimento da necessidade da preservação do meio ambiente, seus recursos naturais. As propostas podem e devem ser adaptadas segundo o nível de entendimento dos alunos.

Antes, porém, é importante entendermos um pouco mais sobre o que se refere a ecologia ambiental na qual intitula este módulo. Para tanto, vamos lançar mão dos dizeres de Leonardo Boff ao abordar a questão em tela:

A ecologia Ambiental, se preocupa com o meio ambiente, para



que não sofra excessiva desfiguração, com qualidade de vida e com a preservação das espécies em extinção. Ela vê a natureza fora do ser humano e da sociedade. Procura tecnologias novas, menos poluentes, privilegiando soluções técnicas. Ela é importante porque procura corrigir os excessos da voracidade do projeto industrialista mundial, que implica sempre custos ecológicos altos.

Se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta. (LEONARDO BOFF)

2.2. Atividades

Mostra de Desenho

Exibição do desenho animado “O Lorax: Em busca da Trufula Perdida”.

A história se passa em uma pequena cidade, onde não existem árvores de verdade, pois estas foram completamente destruídas, e conseqüentemente o ar que respiram é artificial e comercializado por uma empresa. Desde as árvores coloridas, até mesmo os alimentos, tudo é fabricado com plástico e o ar é vendido pelo vilão da história, um ganancioso empresário. O herói da história parte em uma jornada para tentar reverter esse quadro de degradação ambiental e exploração, então com o auxílio de criaturas mágicas ao final, ele obtém êxito



em sua jornada com um final surpreendente. Com um enredo de fácil compreensão, o filme agrada às crianças e propõe um bom debate sobre os recursos naturais do planeta.

Pistas para Reflexão:

- Qual a parte do filme que vocês mais gostaram e porque?
- Cuidar do planeta é missão de todos nós. Como podemos fazer isso?
- Tudo que faço de ruim com o meio ambiente ele acaba voltado para a gente.
- Vamos fazer um desenho da parte do filme que mais te chamou a atenção?

O Girassol

O girassol é uma planta que traz diversas possibilidades de trabalho com foco no meio ambiente. Por se tratar de uma planta cujo crescimento acontece relativamente rápido, em torno de 45 a 50 dias desde a sementeira



até a florada, torna-se uma planta interessante para fazer o plantio com as crianças, onde o professor poderá acompanhar semanalmente o desenvolvimento da planta e fazer junto com as crianças o registro em forma de desenho.



A atividade proposta consiste no plantio e relatório da evolução de uma planta, que no caso será o girassol. Sugerimos que o professor antes da atividade, trabalhe os elementos da música “Mamãe Natureza – Brincando de Papel” disponível no link: <https://youtu.be/k5gkRzS-88k>. Em seguida distribuir folhas com desenho de um girassol para serem pintados. Após este momento propor a crianças que façam o plantio de sementes de girassol no pátio da escola. Deverá o professor distribuir sementes para todas as crianças e ensinar a elas como fazer o plantio das sementes.

Após o plantio, em sala de aula o professor falará para as crianças que a turma será responsável pelos girassóis plantados, devendo aguardar as plantinhas todos os dias, (esta atividade fará parte da rotina diária das crianças até que a planta tenha a idade adulta).

Semanalmente o professor levará as crianças para verem como a planta está evoluindo, pedindo sempre que elas desenhem a evolução das plantas, devendo guardar os desenhos para posterior exibição.

Quando o girassol estiver florido, e com as sementes maduras, o professor deverá convocar toda a escola, para em um ato solene fazer a coleta das flores e retirada das sementes e posteriormente distribuir para toda a escola para que os alunos plantem em suas residências e solicitar para que quando estiverem floridas e no período de coleta das sementes, que colham e distribuam para os vizinhos, fazendo uma corrente de sementes de girassóis.



3. MÓDULO 2

3.1. Ecologia social

De acordo com os preceitos de Leonardo Boff, a ecologia social não vislumbra apenas o meio ambiente, ela quer o ambiente pro inteiro, colocando o meio ambiente, a sociedade e seus relacionamentos, dentro da natureza. A grande



preocupação desta modalidade de ecologia está na garantia de direitos individuais e coletivos prescritos na Constituição Brasileira: Saneamento básico; saúde e educação de qualidade disponibilizada de forma a atender a todos; equidade social, onde cada indivíduo possa receber o que é necessário para a sua dignidade. Considerando toda a humanidade como parte da natureza, a toda e qualquer forma de violência contra o homem, configura-se em injustiça social, e é exatamente neste ponto em que a ecologia social se contrapõe. Sua base está centrada no desenvolvimento sustentável, atendendo as nossas necessidades básicas, sem sacrificar o capital natural da terra não comprometendo, portanto, a qualidade de vida das gerações futuras.



Nesta lógica, necessitamos urgente de uma sociedade sustentável na qual encontrar para si o desenvolvimento viável suprimindo as necessidades de todos de forma equitativa. O bem-estar não pode ser apenas social, mas tem de ser também sociocósmico. Ele tem que atender aos demais seres da natureza, como as águas, as plantas, os animais, os microrganismos, pois todos juntos constituem a comunidade planetária, na qual estamos inseridos, e sem os quais nós mesmos não viveríamos.

3.2. Atividades

Feira de troca de brinquedos

Esta atividade tem por objetivo levar as crianças a perceber a importância da partilha e da igualdade social. Ela consiste em uma feirinha montada em sala de aula onde cada



criança deverá trazer um ou mais brinquedos que não utilizam mais ou que estejam em bom estado de conservação, que deverão ser trocados entre as crianças.

Para introduzir a atividade o professor deverá explorar a música “Seu, Meu, Nosso – Mundo Bitá” disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=-FH4EDYF1frI>. Após trabalhar a música com atividades para colorir e conversas sobre a importância da partilha, apresentar a proposta para as crianças. Importante que os pais tenham plena ciência da proposta em questão, devendo o professor encaminhar um comunicado para a família.



Deixar bem claro para as crianças que os brinquedos que elas trouxeram para a escola serão entregues para outras crianças. O professor deverá marcar uma data específica para acontecer a feira.

A feira acontecerá de forma que as crianças tenham a possibilidade de trocar seus brinquedos com os coleguinhas. Ao final da feira, perguntar se toda as crianças estão satisfeitas com as trocas e com os brinquedos “novos”?

O que Vale Mais?

Esta atividade tem por objetivo levar a criança a refletir sobre o que é mais importante segundo a sua concepção. O professor deverá preparar vários cartazes em tamanho ofício com objetos e imagem de situações conforme segue:



- Brincadeira com amigos;
- Abraçar a família;
- Ajudar a quem precisa;
- Animalzinho de estimação;



- Plantar uma árvore;
- Estudar;
- Brinquedos;
- Celular;
- Roupa nova;
- Carro;
- Lanche bem gostoso;
- Avião.

Os cartazes serão divididos em dois grupos: grupo 1 com atitudes, grupo 2 com objetos. O professor deverá levantar dois cartazes de cada vez, sendo um de cada grupo e perguntar as crianças na opinião delas, qual vale mais? O final da atividade, levar as crianças a refletirem sobre o que é mais importante, ser ou ter?

Hora da História: A raposa Aleijada



A história da Raposa aleijada é uma fábula de autoria de Antony de Mello¹, disponível no livro O Canto do Pássaro, da editora Loyola. Transcrevo abaixo a fabula segundo o autor, no entanto, o professor deverá adaptar o texto de acordo com o nível da turma, podendo inclusive utilizar de artifícios como cartazes, fantoches e outros no sentido de despertar mais o interesse e atenção dos alunos.

¹ MELLO, ANTONNY, O canto do Pássaro, 11ª Edição, 2003. Edições Loyola, São Paulo, 1982.



“Um homem, viu na floresta, uma raposa com as patas aleijadas e admirou-se como, mesmo assim, sobrevivia. Nesse momento apareceu um tigre que trazia entre os dentes caça nova. Comeu a fera quanto quis, deixando o resto junto da raposa. No dia seguinte a mesma coisa: o homem observou como Deus alimentava a raposa servindo-se do tigre. E pensou consigo mesmo:

- Eu também me vou deitar, nalgum cantinho, com muita confiança no Senhor e ele vai mandar-me quanto me é necessário.

Assim fez, por alguns dias, mas nada aconteceu. E o pobre estava já às portas da morte, quando ouviu uma voz que dizia:

- Estás enganado, ó homem! Abre os teus olhos! Segue o exemplo do tigre e deixa de imitar a raposa aleijada!” (ANTONNY DE MELLO, 1982, p. 94)

O professor deverá explorar a história com atividades diversas como desenho, pintura, representação teatral entre outras, no entanto, é importante que os alunos sejam levados a refletir sobre a importância de ajudar o próximo, inclusive podendo ser solicitado a eles exemplo de ajuda ao próximo.



4. MÓDULO 3

4.1. Ecologia mental

A ecologia mental, está sustentada na crença de que os grandes problemas ambientais que afligem a terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que atualmente temos, trata-se de algo mais profundo, pois está diretamente ligada à forma como se percebe o planeta.



É inerente ao ser humano um instinto primitivo de violência e dominação, isto está encarnado na nossa cultura que vem passando de geração em geração. Os nossos antepassados viviam e ratavam a terra como fonte de recurso inesgotável, devendo ser constantemente dominados e subjugados a seus interesses.

Este modo de pensar e agir, repassado por gerações, imprime em nós instintos de violência e vontade de dominar a qualquer custo, e isto, nos afasta das relações saudáveis com a vida e à natureza. A nossa cultura antropocêntrica nos leva a pesar que tudo na natureza só existe e estão disponíveis para o nosso deleite, esta forma de pensar, contrapõe a lei mais básica do universo: a solidariedade cósmica, onde todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia de relações onde todos são importantes.



A ecologia mental, portanto, propõe uma metanoia, uma nova forma de perceber o mundo e suas relações, para tanto, é necessário repensar nosso posicionamento, e sobre tudo a forma como tratamos todas as criaturas.

4.2. Atividades

Dia do Pet na Escola

O objetivo desta atividade é estimular a interligação entre todas as formas de vida animal, bem como evidenciar o cuidado, carinho e comprometimento das crianças para com seus pets.

Como forma de introduzir a ação, o professor deverá desenvolver ações pedagógicas como pinturas, desenhos, dança com gestos e conversas com os alunos sobre a música “Ciranda dos Bichos” do grupo Palavra cantada, disponível no link: https://www.youtube.com/results?search_query=palavra+cantada+a+dan%C3%A7a+do+jacar%C3%A9.

Em seguida o professor apresentará aos alunos a proposta de fazer um dia de pet na escola, este dia será dedicado exclusivamente aos pets que as crianças trarão para a escola.

É muito importante que o professor evidencie que os pets a serem levados para a escola devem ser apenas aqueles que podem ser controlados facilmente pelas crianças, evitando problemas relacionados à segurança das crianças.



Outra questão importante será a participação dos pais nesse processo, que deverão auxiliar as crianças na condução dos pets até a escola.

Durante todo o dia, as crianças deverão cuidar dos seus bichinhos, sendo responsáveis por suprir todas as necessidades deles, sempre sendo acompanhadas de perto pela professora e pelas auxiliares.

As crianças que não tiverem pets serão encorajadas a ajudar as demais crianças no cuidado com os seus bichinhos.

Você quer ou precisa?

Esta atividade tem por objetivo, levar as crianças a fazerem escolhas conscientes do ponto de vista da sustentabilidade.

Previamente o professor deverá preparar os materiais a serem utilizados, conforme segue:



- Cartões a serem distribuídos para todos os alunos, os cartões devem ser confeccionados com figuras diversas conforme segue: celular vídeo game, boneca, carrinho, ursinho de pelúcia, doces, chocolates, picolé, roupa nova, tênis novo, comida saudável, água, frutas, casa, remédio. Importante ressaltar que cada criança deverá ficar com todos os cartões, logo, o professor deverá preparar um conjunto de cartões para cada aluno.



- Separar o quadro ao meio e de um lado escrever a palavra QUERO, e no outro lado, a palavra PRECISO.

O professor iniciará a atividade falando para as crianças a diferença entre querer e precisar de algo, em seguida solicitará que cada criança vá ao quadro e escolha um cartão para colar no lado QUERO e outro no lado escrito PRECISO. Cada criança colará dois cartões por vez, até todos terminarem em seguida o professor comparará com as crianças o que elas elegeram como necessidade, procurando mostrar a eles que nem sempre o que queremos, realmente é o que precisamos para sobreviver.

Música: Xote Ecológico

Através da música Xote Ecológico, levar as crianças a perceber quem são os responsáveis pela destruição da natureza, pedindo que as crianças ilustrem a música e em seguida, propor uma discussão partindo do seguinte questionamento: O que nós podemos fazer para salvar a Terra?

Após a contribuição de todos, a professora deverá selecionar uma proposta levantada pelas crianças para pôr em prática, desde que seja viável. Se acaso não tiverem propostas viáveis, o professor deverá propor algo para fazer, que envolva toda escola, como a confecção de cartazes de conscientização para serem colados na escola.

A música xote ecológico de autoria de Luiz Gonzaga, encontra-se disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=DRFBwNddEHY>



5. MÓDULO 4



5.1. Ecologia integral

A ecologia integral percebe a terra como um todo, “uma linda bola azul” que necessita de cuidado e proteção, onde todos os seres estão interligados de forma cósmica, e assim como afirma Leonardo Boff (2012) “Devemos superar o antropocentrismo e a ilusão de que o ser humano é o centro de tudo. Ele é um elo da corrente da vida, pois a vida é una e unitária. Todos os seres vivos são feitos com os mesmos 20 aminoácidos e as mesmas quatro bases fosfatadas. Portanto, somos todos irmão e irmãs”. Desta forma, para nossa coexistência, se faz necessário sobre tudo uma visão de pertencimento, e desta forma, compreender as nossas fragilidades frente ao universo, nos tornamos apenas parte de um todo, em um constante processo evolutivo.



Portanto ninguém está pronto. Por isso, temos que ter paciência com o processo global, uns com os outros e também conosco mesmo, pois nós, humanos, estamos igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento.

5.2. Atividades

Música: “Esperança”

O objetivo desta atividade é mostrar para as crianças a importância do cuidado para com o planeta e a interligação existente entre todos os seres.

O professor deverá exibir o vídeo da música “Esperança” da banda capixaba Casaca, em seguida após cantar junto com as crianças, propor uma conversa de como elas percebem o mundo hoje e como elas esperam que seja no futuro. O vídeo com a música está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=NOsOUsAYn24>

O planeta que temos x o planeta que queremos

Esta atividade tem por objetivo levar as crianças a refletir sobre a forma como o planeta terra vem sendo tratado, para tanto o professor deverá preparar com antecedência dois cartazes em papel cráft com um círculo que deverá ser na dimensão quase que total do papel, deixando apenas espaço fora do círculo para colocar os títulos, sendo que em um cartaz deverá ter o título “O PLANETA QUE TEMOS” e no outro, “O PLANETA QUE QUEREMOS”



O professor deverá dividir a turma em dois grupos, cada grupo ficará com um cartaz, após uma conversa com cada grupo, solicitar que eles completem o desenho do planeta, de acordo com o título.



As crianças que iram fazer o desenho do planeta que temos, o professor deverá conversar com elas previamente tendo como direcionamento os seguintes questionamentos:

- Como você acha que está o planeta hoje?
- As pessoas têm cuidado das árvores?
- Os rios estão limpos?
- Todas as crianças têm os mesmos direitos?

(Estas questões deverão ser debatidas com as crianças onde o professor deverá adaptar as perguntas para o nível de entendimento da turma, levando-as a perceber as fragilidades do planeta).

As crianças que farão o desenho do planeta que queremos o professor deverá conversar com as mesmas, tendo como direcionamento as seguintes questões:



- Como seria um planeta perfeito?
- Quais elementos deveria ter neste planeta?
- Este planeta seria colorido ou de uma cor só?

A professora distribuirá material para desenho e pintura entre as crianças e cada grupo deverá fazer o desenho, completando o planeta, a professora e as auxiliares deverão ficar atentas para auxiliar as crianças no que for necessário, bem como interpretar os desenhos das crianças e se preciso for escrever embaixo de cada desenho o seu significado.

Após o desenho pronto, a professora deverá apresentar para a turma os dois desenhos e pedir que cada grupo fale sobre o seu desenho, e qual o sentimento que despertou neles enquanto desenhavam.



Vamos Salvar o Planeta

Esta atividade tem por objetivo mobilizar toda a comunidade para a necessidade de cooperarmos juntos para com a preservação ambiental, Através de uma ação onde os pais e toda escola serão convidados a participar.

O professor solicitará aos alunos que se dividam em grupos de 3, cada grupo será responsável por apresentar alguma apresentação com o tema meio ambiente. Os



grupos deverão ensaiar as suas apresentações para em uma data pré estabelecida entre a professora e a direção da escola, serem apresentadas para toda a comunidade escolar. Entende-se aqui como comunidade escolar: os pais, os colaboradores da escola, todos os alunos e professores. Podendo ainda serem convidados técnicos da Secretaria Municipal de Educação e demais autoridades.

O evento terá início com uma fala do professor sobre a importância de todos abalhararmos unidos para salvar o planeta, após esta fala, será iniciada as apresentações dos grupos. Como fechamento do evento, a professora deverá apresentar uma coreografia com todos os alunos. Serão ainda expostos todos os trabalhos feitos pelos alunos relacionados ao meio ambiente, bem como um mural de fotos mostrando-os realizando as atividades.

Sugestões de Apresentações para os Grupos:

- Poesia em forma de jogral
- Coreografia;
- Teatro;
- Cartazes;
- Vídeos falando sobre a importância do meio ambiente;
- Musicas.

Ao final das apresentações, a professora deverá distribuir saquinho com sementes de girassol para todos os participantes e como símbolo de compromisso para com o meio ambiente todos deverão plantar as sementes em suas casas.



BIBLIOGRAFIA

FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO, **Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**; Belém, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/dell/Downloads/FIPF_2009_CCP_01_001_pt_br.pdf

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (a primeira edição é de 1970 e foi consultada uma cópia da 21ª edição), 1987

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, PAULO. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

GUIMARÃES, MAURO. **Educação ambiental: no consenso um debate?** Campinas, SP. Papyrus, 2000.

GUIMARÃES, MAURO. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP. Papyrus, 2004.

MELLO, ANTONNY, **O canto do Pássaro**, 11ª Edição, 2003. Edições Loyola, São Paulo, 1982.

SAUVÉ, LUCYÉ. **Uma cartografia das correntes de educação ambiental**. In. SATO, Michéle & CARVALHO, Isabel Cristina (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005. pp 17-44. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod_



resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf

VIEIRAS, ROSINEI RONCONI; TRISTÃO, MARTHA. **A educação ambiental no cotidiano escolar: problematizando os espaços tempos de formação como processos de criação.** educação, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/16129/pdf>>



ISBN: 978-85-92647-40-7

DIÁLOGO
EDITORIAL

